

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

UFRB

LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA

INGLESA

JOSÉ RONALDO DOS SANTOS PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA PARA AS AULAS DE
INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA**

AMARGOSA

2019

JOSÉ RONALDO DOS SANTOS PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA PARA AS AULAS DE INGLÊS
NA ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB,
como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado
em Letras: Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

**Orientadora: Prof^ª. Me. Maria da Conceição de Melo
Torres.**

AMARGOSA

2019



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o JOSÉ RONALDO DOS SANTOS PEREIRA.

Ao décimo oitavo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às dez horas e trinta minutos, na sala dois dos modulares (NEPEL) do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a **MARIA DA CONCEIÇÃO DE MELO TÔRRES**, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a **FLAVIUS ALMEIDA DOS ANJOS** e o/a Professor/a **JONATHAS MARTINS NUNES**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *A importância da tecnologia para as aulas de inglês na escola pública*, de autoria da/o discente **JOSÉ RONALDO DOS SANTOS PEREIRA**, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,0 (nove)

Professor (a): **MARIA DA CONCEIÇÃO DE MELO TÔRRES**

Assinatura Maria da Conceição de Melo Tôrres

Nota: 9,0 (Nove)

Professor (a): **FLAVIUS ALMEIDA DOS ANJOS**

Assinatura Flavius Almeida dos Anjos

Nota: 9,0 (nove)

Professor (a): **JONATHAS MARTINS NUNES**

Assinatura Jonathas Martins Nunes

A/o discente **JOSÉ RONALDO DOS SANTOS PEREIRA** foi **APROVADA/O** com a média 9,0 (nove).

Amargosa/ BA, 18 de dezembro de 2019

Maria da Conceição de Melo Tôrres
MARIA DA CONCEIÇÃO DE MELO TÔRRES
Presidente da Banca de TCC

Esse trabalho é dedicado a:

Deus primeiramente, pelo fôlego de vida e a oportunidade de estar nesse mundo maravilhoso repleto de oportunidades.

Meus pais, que me ensinaram a acreditar no meu potencial e a respeitar as pessoas.

Meus avós, que me criaram e que mesmo na sua simplicidade me ensinaram a ser mais humano e íntegro.

Minha família, que sempre esteve comigo e me apoiou nos momentos de dificuldades, compreendendo e me incentivando. Minha esposa, Consuelo Santana e meus filhos Pedro e Joana, eu dedico toda minha gratidão.

RESUMO

Tendo em vista que estamos vivenciando uma era de grandes avanços tecnológicos, e tornou-se imperativo torná-los mais presentes nas atividades de ensino e aprendizagem, pesquisas estão em andamento sobre a importância dos recursos tecnológicos nas aulas de inglês nas escolas públicas, a fim de apresentar uma reflexão sobre o uso de novas ferramentas no ensino e aprendizagem de línguas. Para isso, é necessário contextualizar o aluno de língua inglesa no mundo globalizado, entender como as novas tecnologias da informação e comunicação podem auxiliar no processo e identificar os benefícios que essas tecnologias podem proporcionar ao contexto da escola pública. Desta forma, uma análise documental e um estudo exploratório com base na legislação atual e em trabalhos seminais como Almeida Filho (1993), Fettermann (2017), Gomes (2017), Brinton (2001), Larsen-Freeman (2003) e Sgorla & Lindino (2017), procura entender o papel da tecnologia nas aulas de inglês e sua conexão com a abordagem de ensino / aprendizagem de idiomas comunicativos (CLT / L). Diante disso, parece que tanto o aluno quanto o professor foram atraídos por novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem de um idioma pela facilidade com que acessam materiais autênticos disponíveis em diferentes interfaces. Portanto, este estudo propõe o uso de tecnologias que fazem parte do cotidiano dos alunos, a fim de promover maior interesse no aprendizado de inglês. Propõe ainda que as ferramentas tecnológicas sejam utilizadas para apoiar o trabalho docente com vistas a aulas mais dinâmicas, possibilitando a prática reflexiva do professor e favorecendo os alunos em busca da autonomia que a tecnologia pode lhes proporcionar no mundo globalizado, no qual se encontram inseridos.

Palavras-chave: Recursos Tecnológicos. Língua Inglesa. Ensino.

ABSTRACT

Given that we are experiencing an era of great technological breakthroughs, and it has become imperative to make them more present in teaching and learning activities, research is underway on the importance of technological resources in English language classes in public schools in order to present a reflection on the use of new tools in language teaching and learning. To this end, it is necessary to contextualize the English-speaking student in the globalized world, to understand how new information and communication technologies can assist in the process and to identify the benefits that these technologies can provide to the public school context. Then, a documental analysis and an exploratory study based on the current legislation and seminal works such as Almeida Filho (1993), Fettermann (2017), Gomes (2017), Brinton (2001), Larsen-Freeman (2003) and Sgorla & Lindino (2017), seeks to understand the role of technology in English classes and its connection with the Communicative Language Teaching / Learning (CLT / L) approach. Given this, it appears that both student and teacher have been attracted by new technologies in the process of teaching and learning a language by the ease with which they access authentic materials available in different interfaces. Therefore, this study proposes the use of technologies which are part of students' daily life in order to promote greater interest in learning English. It also proposes that the technological tools be used to support the teaching work with a view to more dynamic classes, enabling the teaching reflexive practice and favoring the students in search of the autonomy that technology can provide them with in the globalized world, in which they are inserted.

Keywords: Technological Resources. English Language. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Canal Rony Samp: English Conversation UFRB Língua Inglesa II.....	25
Figura 2 – Canal Youtube Edu: Aulas de inglês.....	26
Figura 3 – Alunos adultos sendo submetidos a uma atividade em grupo baseada na abordagem comunicativa.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CD	Compact Disc
CEPEC	Colégio Estadual Pedro Calmon
CLT/L	<i>Communicative Language Teaching/ Learning</i>
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DNA	<i>Desoxirribunucleico Acid</i>
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
EaD	Educação a Distância
ENIAC	<i>Electronical Integrator And Computer</i>
HD	<i>Hard Disk</i>
HD	<i>High Definition</i>
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LE	Língua Estrangeira
LG	<i>Life's Good</i>
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
ME	Monitor Educacional
MEC	Ministério da Educação
PC	<i>Personal Computer</i>
PCN	Parâmetro Curriculares Nacionais
RFID	<i>Radio-Frequency IDenification</i>
SEC	Secretaria de Educação
TDIC	Tecnologia Digital de Informação e Comunicação
TV	Televisor
UNB	Universidade de Brasília

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVO GERAL.....	16
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.3 JUSTIFICATIVA	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL.....	19
2.2 AS TECNOLOGIAS E A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DO BRASIL	20
2.2.1 O aluno de língua inglesa no mundo atual.....	20
2.2.2 O novo professor na era tecnológica	26
2.2.3 As novas tecnologias digitais da informação e educação	29
2.2.3.1 As novas tecnologias no ensino da língua inglesa	32
2.2.3.2 O monitor educacional (ME) TV Pendrive.....	35
2.3 A ABORDAGEM COMUNICATIVA NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO.....	40
2.3.1 Justificando a escolha da abordagem.....	41
2.3.2 A abordagem comunicativa e o conceito de aquisição versus aprendizagem.....	46
2.3.3 O material autêntico como viabilizador da abordagem comunicativa	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

A era tecnológica na qual estamos inseridos promove o conhecimento da língua inglesa, por ser a língua franca do comércio, da diplomacia, da internet e da ciência. Isso posto, podemos dizer que o estudo e o conhecimento da língua inglesa tornaram-se vitais no mundo moderno para a veiculação do conhecimento, para a comunicação e para a compreensão dos instrumentos e da tecnologia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) de 1998 deram impulso à obrigatoriedade do ensino da língua estrangeira a partir da quinta série do Ensino Fundamental, conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), de 20 de dezembro de 1996. Anos se passaram e a Lei nº 13.415/2017 tornou a língua inglesa (e não qualquer língua estrangeira) obrigatória desde o 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio (BRASIL, 2017b). A obrigatoriedade do ensino de inglês acontece em um período de grande crescimento tecnológico. É nesse contexto que as tecnologias e a educação precisam estar conjugadas, e assim, tornarem a informática e a tecnologia avançada importantes aliadas da educação, a fim de vislumbrar um fazer pedagógico arrojado, para que haja um ensino eficaz do idioma. Portanto, é possível reafirmar e legalizar o ensino da língua inglesa como disciplina obrigatória pelo seu caráter de língua franca, ao tempo que se faz necessário o uso dos recursos tecnológicos através do apoio estatal promovido ao longo dos anos, como postula Pretto (1996, p. 02) as “políticas educacionais e os projetos governamentais estão estimulando o ensino através das novas tecnologias”.

Sgorla e Lindino (2017) sinalizam que a informática educativa passou a ser discutida no Brasil a partir de 1981, no “I Seminário Nacional de Informática na Educação, ocorrido entre 25 e 27 de agosto do mesmo ano, na Universidade de Brasília (UnB)”. (SGORLA; LINDINO, 2017, p. 71). Desde então, muitos decretos e portarias foram implantados, no intuito de usar recursos tecnológicos, sobretudo a informática, como auxiliares no ensino e aprendizagem. Se colocássemos as crianças do nosso cotidiano na frente dos computadores existentes no início dos anos 80, provavelmente elas iriam se sentir entediadas, pois os recursos disponíveis hoje são muito mais sofisticados e criativos do que os de outrora. O acesso por grande parte da população a esses recursos, contudo, deu-se pelo fato do barateamento das tecnologias e seus produtos. É relevante observar, também, o interesse em utilizar a tecnologia como facilitador pedagógico pelo Estado. “Em janeiro de 1983, foi criada a Comissão Especial nº 11/1983 - Informática na Educação, por meio da Portaria SEI/CSN/PR nº 001/1983.” (NASCIMENTO,

2007, *apud* SGORLA; LINDINO, 2017, p. 71), para assim guiar a utilização pedagógica da tecnologia da informação. Essa comissão especial foi um marco na inserção das tecnologias na educação brasileira, além de um incentivo para os próximos movimentos que estavam por vir. Até aquele momento o acesso às tecnologias ainda não eram tão comum como agora, porém já era possível visualizar a benéfice que a mesma poderia provocar no processo educativo. Em 1985, o Decreto nº 91.146 criou o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) com o intuito de investir nas inovações tecnológicas do país, e que significou um passo importante para a evolução tecnológica nacional. Mais tarde, em 09 de abril de 1997, foi criado o Programa Nacional de Informática na Educação, o ProInfo¹, por meio da Portaria nº 522 do MEC. Tal portaria dispõe no Art. 1º, a finalidade de “disseminar o uso pedagógico das tecnologias de informática e telecomunicações nas escolas públicas de ensino fundamental e médio pertencentes às redes estadual e municipal” (BRASIL, 1997).

As mudanças que veem ocorrendo no cenário mundial, no tocante ao desenvolvimento tecnológico desde o final do século XX, mais especificamente a partir do final dos anos 80, têm alcançado níveis evolutivos extraordinários. Destarte, os avanços tecnológicos presentes neste início do século XXI têm evoluído muito desde o período da revolução industrial até o final do século XX. Essa rápida evolução fica mais nítida se fizermos uma viagem no tempo e pensarmos no surgimento do primeiro computador digital eletrônico de grande escala no mundo, criado em fevereiro de 1946 pela ENIAC (*Electronical Numerical Integrator and Computer*). Essa tecnologia e os avanços na velocidade da internet, aliados ao fenômeno mundial da globalização, se apresentam como oportunidades de melhor utilização de recursos eletrônicos em prol da educação. De acordo com Lévy (1999, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 07), “os principais instrumentos de acesso ao conhecimento nos dias atuais são os meios eletrônicos”. Nesse contexto, o acesso à informação e comunicação se tornou prodigiosamente veloz. Atraídos pela impressionante evolução tecnológica proporcionada por *upgrades* constantes e pelo desconhecido intrínseco neste universo, diversos teóricos (ALMEIDA, 2017; FETTERMANN, 2017; GOMES, 2017; NASCIMENTO, 2007; e OLIVEIRA NETTO, 2005) têm realizado pesquisas que esclarecem ou evidenciam o quanto tais recursos podem contribuir para a educação. Segundo Gomes (2017, p. 20), “a chegada das

¹O ProInfo foi criado por meio da Portaria nº 522 em 09/04/1997 e posteriormente foi reeditado por meio do Decreto nº 6.300 de 12 de dezembro de 2007. O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) é um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Disponível em: <<https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/proinfo/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfo>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019. <<http://portal.mec.gov.br/proinfo>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

tecnologias no ambiente escolar provocou uma mudança de paradigma, oferecendo recursos que, se bem aproveitados, possibilitam desenvolver diversas modalidades de atividades com os educandos”.

Ao falarmos sobre como a tecnologia pode influenciar os nossos métodos de aprendizagem, precisamos aceitar que a informática não pode ser vista apenas como uma ferramenta; ela deve vir, obviamente, agregada ao conceito de educação no sentido de expandi-lo. E esse processo deve conter mais que uma apresentação de *slides* com a utilização de *Datashow* (ou qualquer outro formato virtual), pois não é o ambiente virtual que deve ser considerado, e sim a transferência de informações a um nível tal que o aluno possa aprender cada vez mais. Esse entendimento ratifica as competências gerais da educação básica, definidas pela BNCC, que instruem o indivíduo a “se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo”. (BRASIL, 2017a, p. 09).

Para isso, é necessário sermos profissionais da educação eficientes a fim de aproveitar a gama de informações que circula por meio de computadores nos seus diversos aplicativos. É necessário que estejamos filtrando, controlando e dando a orientação correta sobre a informação disponível; do contrário, esses conteúdos serão inúteis para o processo pedagógico. O uso do computador é muito importante e de grande auxílio na aprendizagem, mas essa utilização precisa ser instruída, para que a sua eficácia seja alcançada. Leffa (2006) argumenta que para entender o que acontece com o aluno diante do equipamento,

é preciso ir além do computador e do aluno, levando em conta onde ele está, de onde ele veio e para onde pretende ir. Na medida em que tudo está relacionado, nada pode ser investigado de modo independente. A vida é um hipertexto cheio de links. (LEFFA, 2006, p. 13).

Siqueira e Camargo (2004) defendem que as necessidades dos alunos precisam ser analisadas e estabelecidas para que fiquem claros os objetivos pretendidos com o ensino da língua estrangeira. Desta forma, os pensamentos (pedagogicamente falando), que pertencem a uma determinada época e que são erroneamente retratados no nosso cotidiano, devem ser repensados, pois “as novas tecnologias podem auxiliar na quebra dessas barreiras, capacitando às pessoas envolvidas no processo e proporcionando-lhes o uso real da LE dentro do nosso contexto”. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2004, p. 288).

O papel do profissional de educação frente às novas tecnologias é conseguir reunir o maior número de informações e transformá-las em conhecimento real. Assim, as informações

que estão à disposição, através dos recursos tecnológicos, devem ser selecionadas pelo professor e apresentadas ao aluno, dando a ele a oportunidade de optar por aquelas que se mostrarem mais significativas ao seu aprendizado. Para nós, esse procedimento pode alterar a prática docente na ideia de transformar o aluno em um cidadão ativo.

De acordo com Peixoto (2013, p. 92), “necessitamos estar atentos para o ensino desse idioma com a função de língua franca”. Ao contemplarmos a importância do ensino da língua inglesa, ficamos perplexos ao perceber os empecilhos encontrados na educação pública no tocante ao ensino desse idioma, que mesmo sendo tão presente no dia a dia dos brasileiros, ainda encontra barreiras no seu processo pedagógico. Entende-se então, que há algo que dificulta o aprendizado, que falta e que é indispensável, e situações outras que viabilizam esse processo de aprendizagem. São essas situações que buscaremos elucidar através deste estudo.

Provavelmente, mudar para um país no qual a língua inglesa seja a língua oficial ou a mais falada, causaria, com o passar do tempo, uma maior compreensão e fortalecimento do aprendizado. Mas seria essa a única opção para se aprender uma língua estrangeira? Esta opção torna-se inviável se pensarmos no processo pedagógico que precisaria ser desenvolvido nas escolas em seu curso regular. Assim sendo, como poderíamos romper esse paradigma e quais outras ferramentas se encontram ao alcance do mundo contemporâneo e que, conseqüentemente, podem ser utilizadas no processo pedagógico? Gomes (2017) responde a essa pergunta, ao afirmar que “a chegada das tecnologias no ambiente escolar provocou uma mudança de paradigmas, oferecendo recursos que, se bem aproveitados, possibilitam desenvolver diversas modalidades de atividades com os educandos”. (GOMES, 2017, p. 20, *apud* ALMEIDA, 2017, p. 04).

Assim, os recursos tecnológicos precisam ser integrados à prática pedagógica, “relacionando-a aos objetivos que norteiam o ensino de língua estrangeira - especificamente a língua inglesa - na educação fundamental pública e ao papel agente da docência em tempos de comunicação e informação globalizadas”. (AZZARI, 2015, p. 09).

Porém, a integração dos recursos tecnológicos, em especial as intermediadas por meio da internet, precisa ser cuidadosamente elaborada, pois encontramos de tudo na internet e, por isso, é necessário um profissional à frente para um processo seletivo de conteúdos que realmente possa proporcionar um aprendizado produtivo. Para que a escola se aproxime um pouco mais do mundo dos alunos, é relevante que os professores fiquem sempre atentos às novidades e orientem seus alunos no sentido de perceberem o que é realmente importante, descartando os conteúdos inúteis.

Acreditando que estamos imersos numa era na qual vivenciamos a evolução tecnológica a favor da dinamização dos conhecimentos e, acreditando que essa evolução nos fornece novas possibilidades, buscamos entender de que forma a maior utilização dos recursos tecnológicos nas aulas de Língua Inglesa influencia o aproveitamento dos conteúdos e dinamiza o processo de aprendizagem. Como postula Fettermann (2017, p. 01), com “a rápida disseminação das tecnologias digitais nos últimos tempos, parece impossível imaginar que as pessoas vivam longe de seus dispositivos móveis, sem acessar seus aplicativos, redes sociais e *sites* favoritos”.

A verdade é que as tecnologias já existem há muito tempo; porém o avanço das mesmas tem sido muito grande e essa nova tecnologia nunca esteve tão ao alcance como ultimamente. “As modificações socioculturais pelas quais o homem, e, conseqüentemente, a sociedade vem passando, ao longo de sua história, estão intrinsecamente ligadas à evolução da comunicação no contexto cultural.” (SGORLA; LINDINO, 2017, p. 59).

Relendo os recursos tecnológicos pelo viés pedagógico, no contexto digitalmente avançado no qual estamos incondicionalmente inseridos, Fettermann observa que “ensinar tornou-se um desafio ainda maior. E ensinar uma língua estrangeira, sem dúvidas, passou a exigir dos professores novas práticas, visto que seu objetivo é levar os alunos a compreender a língua e se comunicar no mundo globalizado”. (2017, p. 01). Para ele, muitas escolas desenvolvem as suas aulas por meio de métodos tradicionais e antiquados, que fadigam e entediam os alunos que já se sentem digitalmente motivados e que não são estimulados por “métodos tradicionais ainda utilizados em alguns contextos, que dificultam a aprendizagem de idiomas estrangeiros na escola regular - especialmente, na escola pública. Assim, tanto sua compreensão como a comunicação se tornam mais difíceis”. (FETTERMANN, 2017, p. 01).

Muitos esforços têm sido feitos no intuito de adequar as práticas educacionais ao contexto dessa nova era digital, mas tem havido resistências diversas por parte de algumas instituições ou de seus professores, de acordo com a pesquisa de Peixoto (2013), em se enquadrar nesse sistema e tirar proveito dos avanços, proporcionando atividades mais envolventes e fornecedoras de conhecimentos múltiplos. Como destaca Paiva (2012, p.160, *apud* FETTERMANN, 2017, p. 02), “ensinar uma língua fora dos espaços sociais onde ela é falada sempre foi um desafio para os professores”; todavia, as tecnologias que estão ao nosso alcance podem ser uma solução para resolver o problema da exposição do aluno ao idioma, e isso, sem que seja preciso estar fisicamente presente em outro país. As novas tecnologias da educação “têm aproximado pessoas de diversas línguas e culturas, diminuindo as barreiras existentes e possibilitado interações nunca antes imaginadas”. (FETTERMANN, 2017, p. 02).

De acordo com os PCNs de língua estrangeira, é inegável o aumento das possibilidades de uso da internet, assim como do número de *softwares* educacionais que têm sido criados e disponibilizados em benefício da educação. Todavia, é preciso averiguar se esses *softwares* são compatíveis com o exigido no tocante ao nível dos exercícios, pois os mesmos devem propor envolvimento discursivo do aluno em compatibilidade com a “visão de linguagem e de aprendizagem de Língua Estrangeira apresentada nestes parâmetros. *Softwares* adequados, no entanto, podem se constituir em apoio eficaz no ensino e aprendizagem”. (BRASIL, 1998, p. 87). Assim, é importante o auxílio das mídias através das quais tais *softwares* encontram meios viáveis para sua utilização.

Precisamos entender, também, que as Tecnologias de Informação e Comunicação (doravante TIC) são ferramentas importantes, que podem e devem estar presentes no processo pedagógico; porém, alguns professores ou colocam toda responsabilidade sobre elas, ou se posicionam de forma apática, temendo ser *substituídos* por elas. Todavia, as TICs proporcionam excelentes oportunidades de inovar as práticas docentes; “sozinhas,” afirma Almeida (2017, p. 05), “elas são apenas ferramentas, mas, se bem utilizadas, elas podem colaborar para que haja de fato uma mudança radical no processo ensino-aprendizagem.”. Há, portanto, uma necessidade de que os professores dominem as tecnologias educativas, pois isso lhes garante mais segurança e, de maneira crítica, podem elencar as formas possíveis de uso mais adequado da ferramenta como auxílio no ensino.

Lévy (1993) alerta para a importância de o sujeito se qualificar diante dos novos meios tecnológicos, assim aperfeiçoando suas práticas: “A técnica e as tecnologias intelectuais em particular têm muitas coisas para ensinar aos filósofos sobre a filosofia e aos historiadores sobre a história”. (LÉVY, 1993, p. 6 *apud* PORTO, 2015, p. 09). Diante do exposto e tendo em vista a formação dos professores, concordando com Azzari (2015), entende-se que abordar a educação de forma crítica, e dessa forma, rever “os propósitos do ensino e da aprendizagem da língua inglesa na escola básica na atualidade, ao dirigir o olhar para a inserção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (doravante TDIC) são, portanto, premissas a serem incorporadas à formação inicial e continuada de professores”. (AZZARI, 2015, p. 22).

Objetivando desvendar os questionamentos acima expostos, o presente trabalho levantou duas hipóteses:

1ª hipótese: É possível que a maior utilização dos recursos tecnológicos durante as aulas de Língua Inglesa, nas escolas públicas, dê aos alunos, maiores condições para um

aprendizado eficaz e emancipador, o que viabilizaria, consideravelmente, o maior aproveitamento da matéria.

2ª hipótese: Se não há maior utilização dos recursos tecnológicos durante as aulas de Língua Inglesa, nas escolas públicas, então as condições para um aprendizado eficaz e emancipador diminuirão, tendo em vista que o uso de recursos tecnológicos atrairá a atenção e participação dos alunos promovendo novos ambientes de aprendizagem, o que poderá resultar no menor aproveitamento da matéria.

1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar reflexão, baseada numa revisão de literatura, sobre a influência da utilização dos recursos tecnológicos durante as aulas de Língua Inglesa na escola pública, analisando de que forma essa inserção tecnológica no ambiente escolar pode auxiliar a prática pedagógica.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) procurar entender o contexto do aluno de língua inglesa diante da acessibilidade e possibilidades tecnológicas do mundo atual.
- b) analisar qual o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino-aprendizagem da língua inglesa como LE.
- c) identificar de que forma os novos recursos tecnológicos da educação contribuem na prática docente no contexto de escola pública.

1.3 JUSTIFICATIVA

Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho. (BRASIL, 2017a, p. 246)

Neste capítulo, quero iniciar narrando a minha própria experiência no aprendizado da língua inglesa. Desde muito cedo meu interesse pela língua inglesa foi intenso, e o que mais me movia em direção a ela era a necessidade que eu tinha do real uso da língua, mas não por querer fazer uma viagem nem tampouco fazer uso da língua inglesa no meio acadêmico, pois

na época nem sabia a real importância que a língua inglesa tinha. Fui atraído por ela através da música. A música entrou na minha vida por meios percussivos, mas as canções inglesas e norte-americanas, em especial, sempre me fascinaram, e a que mais me fez desejar tocar violão e cantar foi a música “Is it okay if I call you mine” de Paul McCrane. Esse relato é propício para estabelecer um ponto de partida que justifique a escolha do tema desta pesquisa e a abordagem que acredito ser a que melhor se adequa ao seu propósito.

Como aluno, questionava porque todas as atividades que tive em escola pública eram tão alheias a minha realidade, pois nada fazia sentido, nada era autêntico, nada era real. Artigos em jornais, revistas ou notícias, jamais eram comentados em sala de aula. Os professores nunca usavam nada que pudesse mostrar-se significativo nem para minha idade, nem para o meu grupo, filiação cultural ou identidade. Nem músicas, nem vídeos, tampouco as plataformas que dispunham na época eram utilizadas para envolver-nos em uma atmosfera mais real. Procurei adaptar um pouco a minha forma de estudo, e, mais tarde, pude fazer um curso particular que utilizava várias mídias que eram mais significativas e autênticas, e que me davam possibilidade de fazer uso real da língua.

Ensinei no curso após atingir um nível avançado e também em escola pública no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Como professor de inglês, eu sempre procurei chegar perto da realidade do estudante. Quando eu comecei a ensinar inglês, eu tive acesso a materiais autênticos que tinham a ver com a realidade e a identidade dos meus alunos; assim, eu percebia que a resposta era muito mais produtiva, pois o material era significativo e possibilitava um uso real do conteúdo aprendido.

Eu ainda não tinha conhecimento teórico sobre a metodologia que eu estava aplicando para ministrar as minhas aulas e fazer com que o aprendizado dos meus alunos fosse mais satisfatório e envolvente, mas agora estou seguro do que penso e quero. Nesta pesquisa, busco esteio para fortalecer a ideia de que o uso de recursos tecnológicos nas aulas de língua inglesa nas escolas públicas proporciona o auxílio que o professor precisa para promover um ensino mais significativo, possibilitando que o aluno faça uso real desse aprendizado. Os recursos tecnológicos, principalmente através da internet, nos dão acesso instantâneo e mais atualizado a materiais autênticos de suma importância para o desenvolvimento de atividades envolventes e significativas. Em relação ao ensino e aprendizagem da língua inglesa, essa pesquisa leva em consideração a autenticidade da experiência linguística, algo ao qual não fui exposto enquanto estudante. Assim, encontramos suporte no entendimento do CLT/L como uma gama de possibilidades.

No ano de 2006, comecei a trabalhar para a SEC (Secretaria Estadual de Educação) na condição de técnico de informática do CEPEC (Colégio Estadual Pedro Calmon). Para minha surpresa, ao entrar na sala, encontrei mais de vinte computadores inoperantes e/ou em condições inapropriadas de uso². Todos os equipamentos do laboratório foram instalados em 1998 pelo sistema Proinfo, mas sua utilização nunca aconteceu de acordo com o estabelecido pelo programa, por não haver funcionários para coordenar e administrar a utilização do sistema, por falta de direcionamento e/ou coordenação pedagógica, pela velocidade insuficiente da internet, dentre outros fatores.

Pensando nas contribuições possibilitadas pelo uso dos recursos tecnológicos no contexto do ensino de língua estrangeira, em especial da língua inglesa, e na possibilidade de favorecer novos ambientes de ensino, diversas instituições de ensino têm se engajado em estudos e pesquisas. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o uso dos novos recursos tecnológicos que podem ser ferramentas criativas nas aulas de língua inglesa. Assim, busca-se identificar os possíveis ganhos que essa tecnologia proporciona no processo de ensino da língua estrangeira, mais especificamente a língua inglesa.

Esta pesquisa de cunho bibliográfico fundamenta-se na abordagem comunicativa (CLT/L) para a utilização dos recursos tecnológicos no ensino de língua inglesa e toma por aporte teórico as obras de Almeida Filho (1993), Larsen-Freeman (2003) e Donna Brinton (2001).

No intuito de discutir orientações metodológicas presentes na escola atual, especialmente no tocante as aulas de inglês, esse trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro apresenta o percurso metodológico do ensino de inglês e a sua obrigatoriedade oficializada no Brasil. No segundo capítulo, o trabalho disponibiliza uma reflexão em relação à presença das tecnologias da comunicação nas aulas de língua inglesa no Brasil. No terceiro capítulo, o trabalho é direcionado ao contexto da abordagem comunicativa e uso das novas tecnologias de comunicação como ferramentas pedagógicas no ensino de inglês. No quarto capítulo, são apresentados os resultados da nossa argumentação e as nossas ponderações.

² Foram mais de trinta dias formatando os computadores e reorganizando o laboratório para que os alunos pudessem ter acesso aos equipamentos. Quando finalmente o espaço foi disponibilizado para os alunos e professores, foi notória a satisfação de toda comunidade escolar. Todavia, o uso dos equipamentos pelos alunos nunca teve um objetivo pedagogicamente claro, pois ou os alunos tinham limitações de acesso ou acessavam conteúdos que não contribuíam para o seu crescimento educacional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

A linguagem é imprescindível para a comunicação humana, pois ela proporciona aos membros de uma sociedade a interação com o universo sociocultural, a leitura dialética da realidade e a prática dos mais diversos atos comunicativos, além de favorecer a uma enorme realização pessoal. No ensino da língua estrangeira há novos objetivos e novas possibilidades para a escola regular, visto que, no mundo globalizado e na era tecnológica em que vivemos, é preciso “abandonar o apego a antigas visões de língua/linguagem, com destaque à autonomia estrutural e foco em elementos gramaticais isolados, em favor de uma abordagem discursiva”. (AZZARI, 2015, p. 20-21).

De acordo com os PCNs de língua Estrangeira de 1998, a “inclusão de uma área no currículo deve ser determinada, entre outros fatores, pela função que desempenha na sociedade”. (BRASIL, 1998). Todavia, o documento sinaliza que as possibilidades de uso social da língua estrangeira, no Brasil, são mais amplas no caso do espanhol, no contexto de fronteiras, do que da língua inglesa.

Os jovens contemporâneos estão imersos em um mundo social, onde toda a atividade humana é mediada pela linguagem. Através de sua interação com o mundo, esses jovens, gradativamente, vão apropriando-se da linguagem em suas relações com os objetos e com o outro. Além da questão sociocultural, também é importante citar o fator sócio interacional pelo qual o ensino-aprendizagem pode ser impulsionado. No ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (doravante LE), a interação pode também acontecer à distância, e isso é possível fazendo uso das novas tecnologias da educação, a exemplo dos inúmeros aplicativos disponíveis na internet: “ao se envolverem em uma interação tanto escrita quanto oral, as pessoas o fazem para agirem no mundo social em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas”. (BRASIL, 1998, p. 27).

Não seria exagero afirmar que os jovens e adultos da sociedade contemporânea, sociedade essa repleta de tecnologias para facilitar a vida ou a acessibilidade do ser humano, estão cada vez mais familiarizados com o uso diário das tecnologias: “As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens.” (CRAVEIRO; MEDEIROS, 2013, p. 31). Desde muito cedo, esses

indivíduos têm tido acesso ao mundo tecnológico e lidam com ele de forma natural, como se esse crescente desenvolvimento tecnológico sempre tivesse existido.

No processo de utilização das TICs, processo a ser detalhado mais adiante, o professor assume o papel de mediador, responsabilizando-se por coordenar “as atividades operacionais dos equipamentos existentes em sala de aula, e a coordenação das ações pedagógicas, sendo os dois essenciais para os processos educacionais nessa modalidade de ensino”. (ALMEIDA, 2017, p. 12). Os meios pelos quais se faz possível a inserção das tecnologias são diversos e estão relativamente ao alcance; basta apenas o ânimo e uma perspectiva da instituição no sentido de promover atividades que sejam, no mínimo, emancipadoras. E elas assim serão se mediadas pelos professores no sentido de construir o conhecimento junto com os alunos “no ambiente digital online, pelo ingresso e participação em redes sociais e fóruns de discussão e/ou na elaboração, publicação e comentário interativo em *videoblogs*, entre outros”. (AZZARI, 2015, p. 18). A necessidade primordial, portanto, consiste em adequar o uso das TDIC no sentido de estimular os envolvidos numa prática inclusiva e estimulante, visando torná-la produtiva e eficaz.

Nesse sentido, Falasca (2012) considera “bastante interessante” para o contexto de sua pesquisa, a Hipótese do Filtro Afetivo, lançada por Krashen (1981). A autora corrobora a visão de Krashen, por acreditar que “as motivações do aluno” e o relacionamento e percepção do aluno com relação a LE, “além de outras questões de caráter afetivo, têm um papel a ser considerado na aquisição/aprendizagem de uma LE, tanto no sentido de colaborar para tal processo, como, ao contrário, de criar uma barreira, impedindo a entrada nesse mundo simbólico”. (FALASCA, 2012, p. 29).

2.2 AS TECNOLOGIAS E A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DO BRASIL

2.2.1 O ALUNO DE LÍNGUA INGLESA NO MUNDO ATUAL

Antes de dialogarmos sobre o aluno de Língua Inglesa no mundo atual, gostaríamos de propor uma viagem através do túnel do tempo. Assim, precisamos pensar um pouco como os atuais professores de inglês conseguiram aprender inglês e, hoje, atuarem em uma sala de aula. Voltando ao presente, vamos refletir sobre os nossos alunos de hoje e, assim, pensar nos recursos que eles possuem para aprender a língua Inglesa. Imagino que todos tenham pensado,

primeiramente, sobre a internet, mas a internet não é o único ponto a ser considerado; é preciso pensar no inglês como língua internacional e com finalidades comunicativas. Visto também que a internet está muito presente nas vidas dos alunos, ela pode nos ajudar dentro da sala de aula.

Mas qual o alcance e a importância da internet? Imagina-se que de imediato pensamos em algumas vantagens oferecidas por ela; mas, além disso, a internet aumenta as oportunidades do uso do inglês, já que o aluno é exposto ao inglês constantemente. Quando o aluno acessa a internet, ele pode encontrar diversos tipos de comerciais em inglês além de recursos, como plataformas de interconexão, ligando os usuários ao mundo, através das quais se faz possível o intercâmbio cultural e, conseqüentemente, o envolvimento com a língua em questão. A internet oferece também a interação comunicativa de forma síncrona (em que o professor e aluno estão em interação ao mesmo tempo) e assíncrona (em que o formador e o tutor interagem de acordo com as suas possibilidades ou calendário, em momentos diferentes); dessa forma, ela oferece a flexibilidade de horário, podendo o aluno estudar em horários que atendam às suas prioridades.

Os usuários da tecnologia para diversão, trabalho ou estudo, o fazem por algum motivo ligado à sua própria identificação com o meio ou com o conteúdo. Os estudantes da atualidade são estimulados pelo que frequentemente acontece em sua volta. No contexto dos avanços dos dispositivos tecnológicos, torna-se inevitável que os estudantes se identifiquem com alguma (ou várias) das possibilidades de conexão ao seu alcance. De acordo com Anjos (2019a), fatores como identidade

estão intimamente relacionados com a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) e, quando não esclarecidos, podem trazer conseqüências negativas para aprendizes, tais como sentimento de inferioridade, baixa autoestima e até o abandono do processo de aprendizagem. (ANJOS, 2019a, p. 29).

Os fatos que nos cercam não podem ser ignorados, por mais esforço que façamos. A todo o momento somos surpreendidos por novas tecnologias e, mesmo que se tente evitar, torna-se impossível não se render as possibilidades de aprimoramento, facilitador das nossas necessidades cotidianas. Sobre as transformações do mundo contemporâneo, Anjos (2019b) declara:

No entanto, diante de tantas transformações, do incrível avanço da tecnologia, do encontro das culturas, das identidades, de uma intensa transformação social, política e econômica; diante das crises, abalos nos dogmas, na moral e na ética, é

perceptível [*sic*] uma virada linguística, quando parece que diferentes falantes estão usando a língua do colonizador em benefício próprio. (ANJOS, 2019b, p. 60).

Diante disso, podemos afirmar que nossos alunos “nativos digitais, que nasceram em um momento de férrea presença tecnológica, se identificam com essa transformação, porque dela fazem parte. Podemos afirmar que a identidade dos alunos atuais é formada culturalmente pela presença das tecnologias; com a ausência delas, contudo, parece impossível realizar determinadas atividades que poderiam, por elas, ser facilitadas. Moita Lopes (2003, *apud* Anjos, 2019a, p. 30) define identidade como sendo o que uma pessoa é, determinada pelo momento e pelo lugar. Anjos (2019a) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “o contexto de aprendizagem de uma LE é também o espaço para a (re)construção e (re)formulação das identidades, porque é nesse espaço que é possível ter acesso a novas formas de ser, agir e pensar, e, assim, o que somos vai sendo reformulado.” (ANJOS, 2019a, p. 31). No aprendizado da LE, se estabelecem percursos que moldam uma nova identidade no sujeito. A união desse processo de aprendizagem com o caráter tecnológico identitário do aluno contribui para uma identidade forjada por duas vertentes comunicativas de igual importância.

A identidade cultural dos indivíduos tem sido muito influenciada pela globalização, pois ela facilita o acesso a informações de outras culturas; dessa forma, novos interesses e saberes terminam por moldar um novo sujeito. Mesmo assim, a identidade cultural local não deixa de existir. O que acontece é uma junção entre o ‘global’ e o ‘local’, que termina produzindo uma nova identidade no indivíduo, baseada na sua identidade em conexão com a identidade do outro. Hall (2011) argumenta que, juntamente com o impacto do ‘global’, existe um novo interesse pelo ‘local’. Sendo assim, a identificação que o novo aluno tem com tecnologia e seus avanços é provocada por explorar a diferenciação entre o que é ‘local’ e o que é ‘global’. De acordo com Hall (2011):

Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. (HALL, 2011, p.77-78).

Siqueira e Camargo (2004) chamam a atenção para os riscos que há na internet, pois ela agrega aspectos positivos e negativos, mas encorajam o uso dela para fins benéficos à

educação e ao desenvolvimento de habilidades, sejam elas linguísticas ou não; assim, frisam o enorme suporte que ela pode tornar disponível ao professor.

Pretto (2008, p. 78) corrobora, ao argumentar que “produzir informação e conhecimento passa a ser, portanto, a condição para transformar a atual ordem social. Produzir de forma descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar os espaços, todos os espaços, através das redes”. Quando nos referimos à questão cultural, podemos dizer que ser tecnológico faz parte da cultura dos “nativos digitais”, pois aos olhos da Sociologia, cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento adquirido a partir do convívio social, e marcas são o que realmente a tecnologia representa para os “nativos digitais”.

A internet oferece autonomia ao processo de aprendizagem, tornando-o mais *student-centered*, que é o aprendizado centrado no aluno e que engloba amplamente métodos de ensino que mudam o foco da instrução do professor para o aluno. Através do uso da internet, é possível estabelecer acesso a aspectos culturais por meio dos seus diversos canais de acesso; assim, o ensino do inglês fica mais conectado aos aspectos culturais nos quais a língua é inserida, sendo assim impossível separar a língua da cultura. A internet também oferece uma grande variedade de discursos através de *e-mails* e o tipo de linguagem que ele utiliza e por meio de outros canais que precisam ser citados.

Os diversos canais podem e devem ser utilizados em benefício de uma prática de ensino diversificada, que não esteja engessada em moldes tradicionais, mas que lance mão dos recursos atuais e cotidianos na vida dos alunos para envolvê-los e despertar a sua atenção, estimulando uma participação efetiva e visando a construção do conhecimento. Dentre esses diversos canais, podemos citar os (*blogs*), sítios eletrônicos cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, postagens ou publicações. Nos *blogs*, os alunos vão colocar informações atualizadas constantemente; assim, é possível que os professores peçam que os alunos criem um *blog* para sua própria turma. Como os alunos são *digital natives*³, certamente terão satisfação em contribuir e ensinar para nós, professores, sobre o funcionamento de um *blog*.

Outro canal que pode contribuir positivamente com o processo de ensino-aprendizagem é o *podcast*. Um *podcast* lembra um programa de rádio, mas que pode ser ouvido quando e onde a pessoa quiser. Em vez de sintonizar uma estação de rádio, podemos acessá-los gratuitamente pela internet. O acesso é livre através de sítios específicos, plataformas de

³ Termo criado pelo norte-americano Marc Prensky em 2001, significando aqueles que nasceram e cresceram na era digital e que percebem a tecnologia como um elemento constante e vital em seu cotidiano.

música ou em aplicativos de *podcast* para o celular, ouvindo-os quando e onde preferir, seja no trânsito, na praia, na academia etc. Os *podcasts* podem ser temáticos, uma história única, debates ou simplesmente conversas sobre os mais diversos assuntos. É possível ouvir episódios avulsos ou assinar um *podcast*, gratuitamente, e, assim, ser informado sempre que um novo episódio for publicado. Pedagogicamente, os alunos podem gravar os seus arquivos de áudio e hospedar esses arquivos em um *website*, por exemplo. Esses arquivos podem ser divulgados pelos alunos em uma atividade prazerosa de comunicação oral na língua inglesa, que pode ser acessada no mundo inteiro.

Social Bookmark é outro recurso que muito pode beneficiar o processo pedagógico. Essa ferramenta funciona como uma espécie de agenda dentro de um *website*, onde o aluno pode colocar seus sítios favoritos e aqueles que você gostaria que outras pessoas visitassem. O *Social Bookmark* é um serviço com ferramentas que tem por finalidade representar e organizar recursos da *web* de modo colaborativo para o seu fácil acesso e compartilhamento. Assim é possível que os alunos criem grupos de interesses com sítios semelhantes ou de interesses em comum. Algumas estratégias para a ferramenta de *marketing* mais valiosa para leitores e escritores nos *Social Bookmarks* são os *Blog Tours*. Um *Blog Tour* é uma turnê de *blog* muito parecida com uma turnê tradicional de livros, na qual o autor iria de cidade em cidade para assinar seus livros e conhecer novos leitores; exceto que desta vez, você passa de *blog* em *blog*. Existem inúmeros *blogs* de ficção e não-ficção que surgiram nos últimos anos, todos escritos por leitores apaixonados, que desejam compartilhar seu amor por livros com outros leitores. Eles publicam resenhas de livros, lançam anúncios e entrevistas com seus autores favoritos.

Wiki também é uma plataforma muito produtiva para uso pedagógico via *web*. Trata-se de um sítio completamente editável no qual podemos pedir aos alunos que coloquem informações sobre filmes, livros ou artigos lidos por eles em inglês. Assim, será possível uma produção autêntica da língua-alvo, sobre a qual os outros alunos poderão contribuir ao editarem a página no formato *Word* dentro do *website*. De acordo com a *Microsoft* (2019), “um *wiki* é um site projetado para que grupos de pessoas capturem e compartilhem ideias rapidamente, criando páginas simples e vinculando-as umas às outras. Sua organização pode usar *wikis* para diversas finalidades”.

O *YouTube* também pode ser pedagógico e uma enriquecedora oportunidade de os professores falarem a língua dos alunos. Veen e Vrakking (2009), afirmam que o *YouTube* é uma ferramenta importante se pensarmos na transição dos padrões da escola tradicional para a

escola moderna, vislumbrando novas possibilidades em prol da contribuição pedagógica e abarcando um leque de possibilidades.

As maiores possibilidades presentes no *YouTube* estão nos conteúdos educativos de áudio e vídeo que atendem a diversos fins pedagógicos sem prejuízo para os padrões de ensino; ao invés disso, potencializa-os.

De acordo com Mattar (2009), no *YouTube* “os usuários têm controle sobre o ritmo da apresentação, podendo parar, retroceder e avançar o vídeo. Um recurso interessante é o *deep linking*: você pode determinar o ponto do vídeo que deseja que as pessoas acessem”. Mattar (2009, p. 05). Sem contar que os diversos vídeos encontrados no *YouTube* podem ser baixados e assistidos *off-line* em locais onde a internet é inacessível; podem ser compartilhados em aplicativos de relacionamento; servir de material autêntico, pois em sua maioria a finalidade não é pedagógica. Também é possível que a produção de um curta-metragem produzido por alunos, desperte o interesse pela disciplina. Esse tipo de atividade promove emancipação dos envolvidos através da interação com o mundo, visto que, uma vez postada em um canal do *YouTube*, o vídeo será compartilhado e poderá ser acessado em qualquer parte do planeta.

Figura 1: Canal Rony Samp: English Conversation UFRB Língua Inglesa II.



Fonte: Youtube, 2019a.

É possível encontrar no *YouTube* uma grande diversidade de vídeos e até um canal específico para a educação. O *YouTubeEdu* é um canal educativo que tem parceria com a Fundação Lemann⁴, que disponibiliza conteúdos de alta qualidade sobre diferentes disciplinas. Através de professores que se engajam na produção de vídeo aulas que dinamizam a aprendizagem e fortalecem os seus canais, oferecendo excelentes conteúdos, o *YouTubeEdu* fortalece as possibilidades para os interessados no aprendizado da língua inglesa e de diversas outras disciplinas, como mostra a figura 2. Para que tal projeto fosse possível, foi reunida uma equipe de curadores da fundação Lemman e o *YouTube* no intuito de definir uma base de avaliação para que esses vídeos pudessem entrar na plataforma.

Figura 2: Canal YouTube Edu: aulas de Inglês.



Fonte: Youtube, 2019b.

2.2.2 O NOVO PROFESSOR NA ERA TECNOLÓGICA

Faz-se necessário que o homem se adapte às novas mudanças no contexto sociocultural e também tecnológico. Com isso, a importância no âmbito educacional para a aceitação e adequação aos novos meios tecnológicos são imprescindíveis. (PORTO, 2015, p. 02).

O perfil do professor tem sido atualizado de acordo com as mudanças do mundo globalizado e digital; por isso, precisamos falar sobre a tecnologia educacional. Falar de

⁴ LEMANN, Jorge Paulo. Fundada no Brasil em 2002, a Fundação Lemann é uma organização familiar sem fins lucrativos. A plataforma sugere soluções inovadoras de alta qualidade no cotidiano da educação de 30 milhões de pessoas. Disponível em: <http://www.fundacaolemann.org.br/>.

tecnologia educacional não é apenas trazer a importância do uso do computador, visto que tal nos remeteria a informática educativa. O que aqui importa são as tecnologias educacionais que estão para além do uso do computador e que inicialmente nasce com as TICs, mas que se expandem para algo muito maior que nós temos na atualidade. De acordo com Sgorla e Lindino (2017, p. 141-142):

É preciso levar em consideração que o câmbio tecnológico instituidor de um novo paradigma epistemológico forjou um novo cidadão, que aprendeu a se relacionar com a informação e com o conhecimento de forma muito mais livre e independente. Este, por sua vez, e quando no papel de aluno, impõe uma transfiguração ao perfil tradicional dos professores, colocando em xeque sua forma clássica de atuação. (SGORLA; LINDINO, 2017)

E isso exige que o professor tenha um perfil diferente. O professor tradicional que é acostumado com a diretividade e que recorre à autoridade para manutenção da disciplina na sala de aula, pensava que só ele detinha o conhecimento. Esse tipo de professor não mais se enquadra ao perfil da nova era. Como o professor usa as tecnologias educacionais referentes ao nosso cotidiano contemporâneo, ele precisa ter um novo perfil profissional. Os métodos tradicionais de ensino são de suma importância e por isso devem ser mantidos, mas com os devidos aprimoramentos. Contudo, no contexto que nós educadores estamos vivendo, essas práticas devem ser urgentemente somadas “às tecnologias existentes, já que se sabe que os alunos são digitais nativos Prensky (2001), e vão aprender com maior facilidade e entusiasmo se os instrumentos tecnológicos forem usados como apoio, para que aconteça a aprendizagem”. (BRAGUETTO, 2013, p. 06),

Por meio da troca de informações que os nativos digitais obtêm na internet, o aprendizado tem sido favorecido mutuamente. O poder da internet é impressionante, contudo ela não pode ser intitulada como boa, ruim, perigosa ou segura, ela é uma ferramenta que potencializa as práticas sociais. Para os estudantes e cidadão comuns ela é muito importante na socialização com seus pares para problemas inesperados, absorção do conhecimento e da cultura e das trocas de informação.

Para Xavier (2019, p. 03), o professor precisa ser flexível quanto ao seu perfil, pois se faz necessário que as práticas docentes sejam reformuladas e adequadas para que assim o docente possa “acompanhar esses aprendizes audaciosos da geração digital”. Sendo assim, entendemos que o perfil do novo professor deve ser de:

- ✓ pesquisador, não mais repetidor de informação;

- ✓ articulador do saber, não mais fornecedor único do conhecimento;
- ✓ gestor de aprendizagens, não mais instrutor de regras;
- ✓ consultor que sugere, não mais chefe autoritário que manda;
- ✓ motivador da “aprendizagem pela descoberta”, não mais avaliador de informações empacotadas a serem assimiladas e reproduzidas pelo aluno;

O novo professor precisa estar sempre atualizado, inserindo-se no mundo digital para ter acesso ao maior número de informações e garantir a transformação dessas informações em conhecimento. Nesse sentido, o professor deve utilizar recursos tecnológicos em sala de aula, a exemplo de computador, *datashow* e animações, entre outros, que a partir dos *softwares* educacionais contribuem para a formação dos estudantes. Esse novo professor também admite não ter todas as respostas, pois o mundo está numa constante transformação. Como nessa era globalizada os alunos têm acesso a inúmeras informações, o professor nem sempre é o mais atualizado. Então o professor admite isso, porém pesquisa e encontra as respostas corretas. Assim o professor desconstrói a visão das antigas teorias, o que de acordo com Azzari (2015),

configura-se,, como importante tarefa na docência nos dias correntes. É nesta direção que se percebe a necessidade de encontrar as rupturas que auxiliem docentes de língua inglesa a romper visões orientadas para conteúdos que tendem à universalização do perfil de professores e aprendizes, ignorando também seus contextos, além de também permitir ao docente, por intermédio do exercício de sua agência, revisitar procedimentos didático-pedagógicos metodologicamente engessados. (AZZARI, 2015, p. 20).

O novo professor é parceiro do estudante e com isso contribui para sua formação integral. Desta forma, podemos entender que essa relação não é vertical, na qual a posse do conhecimento, o mando e ordem entre um professor e seus alunos não pode romper a relação de detenção do conhecimento, mas sim horizontal, na qual o diálogo é muito bem vindo. Ainda assim, o professor garante a sua autoridade, mas sem autoritarismo, pois “o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas, que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade”. (FREIRE, 2002, p. 51)

Esse é o perfil do novo professor: aquele que reconhece que o estudante é repleto de informações, mas que precisa se relacionar para transformar essas informações em conhecimento. Assim, torna-se importante que o professor seja um parceiro, saiba utilizar as tecnologias e, além de tudo, esteja inserido nesse mundo digital. É preciso que se entenda que os alunos são nativos digitais e os professores são imigrantes digitais. Ao pensar nisso,

entendemos a importância e a necessidade de uma formação continuada para que o estudante tenha acesso à educação e o professor não seja um desconhecido dessa tecnologia. Ainda assim o professor e o aluno podem se envolver numa troca de conhecimentos visando ampliar as possibilidades e trilhar por caminhos que só são possíveis mediante o compartilhamento dos conhecimentos. Assim Freire (2002) nos convida a uma reflexão ao dizer que:

O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (p. 52)

2.2.3 AS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Para iniciarmos esse diálogo, é necessário esclarecer o significado da terminologia TIC (Tecnologia da informação e comunicação). “A TIC é um conjunto de tecnologias integradas entre si, que proporcionam, por meio das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações, a autonomia e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem.” (TOPLAB, 2019). Existe outro termo com a mesma função e os mesmos propósitos das TIC. Esse termo é a TDIC mencionado por Azzari (2015). Em seu artigo sobre “Tecnologias Digitais e Rupturas”, a autora argumenta o seguinte:

Pensar a formação em língua inglesa na educação básica nos tempos-espacos contemporâneos requer avaliar a presença marcadamente favorável à inclusão das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) manifestada por discursos sobre ensino e aprendizagem que circulam - nos mais diversos contextos -, na atualidade. (AZZARI, 2015, p. 09).

O surgimento das TIC ocorreu no decorrer da história, no cenário da Terceira Revolução Industrial e foi se desenvolvendo gradativamente a partir da década de 70, mas ganhou atenção, sobretudo na década de 1990. Os principais responsáveis nesse processo foram os computadores, sobre os quais Toplab discorre: “os Sistemas de Informação nas empresas requerem estudos quanto à sua importância na abordagem gerencial e estratégica dos mesmos, juntamente com a análise do papel estratégico da informação e dos sistemas na empresa.” (KROENKE, 1992; LAUNDON, 1996 *apud* TOPLAB, 2019).

No ano de 2008, o termo TIC foi bastante pesquisado no Brasil devido ao surgimento das EaDs (Educação à Distância). EAD é uma forma de ensino-aprendizagem cada vez mais popular, mediada por tecnologias que permitem que o professor e o aluno estejam em ambientes físicos diferentes. Segundo Braguetto (2013), em 2013, um dos recursos mais sugeridos para uma prática sócio interativa, dentro das TICs era o uso da plataforma *Moodle*, pois de acordo com o relato da pesquisadora, até mesmo no comportamento dos alunos houve mudança no que diz respeito ao interesse dos estudantes pela pesquisa e resolução das atividades propostas. De acordo com Braguetto (2013), os alunos mostravam-se “motivados para pesquisar e comentavam que não faz mais sentido estudar sem tecnologia, que dá acesso à internet, ao dicionário, a situações reais que estão disponibilizados através da web”. (BRAGUETTO, 2013, p. 13).

Na seção VI das DCNs (2013), sobre a Educação a Distância, o Art. 39 esclarece que essa modalidade de educação “caracteriza-se pela mediação didático pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”. (CRAVEIRO; MEDEIROS, 2013, p. 87). Assim, a população que vive muito longe das escolas e faculdades, com as TICs podem acessar o conteúdo e estudar pelo computador em tempo real ou em momentos oportunos à sua escolha. Dessa forma, através do uso de meios eletrônicos para gravação e transmissão de conteúdos educacionais, diversos segmentos podem ser beneficiados, aumentando a oferta de aprendizado independente de local e horário fixo, sendo assim mais conveniente para o aluno desenvolver o seu estudo.

As TICs podem aparecer em diferentes formatos; desta forma, faz-se oportuno relacionar alguns exemplos dos formatos mais acessíveis:

- Computadores pessoais (PCs, *personal computers*);
- Câmeras de vídeo ou foto para computador ou *webcams*;
- Gravação doméstica de CD (*Compact Disc*) ou DVD (*Digital Versatile Disc*);
- Suporte para guardar ou portar dados como discos rígidos, HD externos, cartões de memória, *flashdrivers*, dentre outros;
- Telemóveis ou celulares;
- TV por assinatura, TV a cabo, Tv por antena parabólica, TV digital;
- Correio eletrônico (*e-mail*) e as listas de discussão (*mailing lists*);

- *Internet, World Wide Web, websites e home pages*, quadros de discussão (*message boards*);
- *Streaming, podcasting. Wiki*, dentre outros;
- Tecnologias digitais de captação e tratamento de imagem e som (*Vimeo, YouTube, Last Fm*);
- Captura eletrônica ou captação de imagens por meio de *scanners*;
- A fotografia, cinema, vídeo e som digital (TV e rádio digitais);
- Tecnologias de acesso remoto: *Wi-Fi, Bluetooth, RFID (Radio-Frequency Identification)*.

Uma das áreas mais favorecidas com as TICs é a educacional. Na educação presencial, a TIC é vista como dinamizadora do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a tecnologia traz possibilidade de maior desenvolvimento, aprendizagem e comunicação entre as pessoas com necessidades educacionais especiais. Assim, os profissionais da educação encontravam “suporte de programas de computador cujo uso era voltado à educação, atendendo principalmente a professores e alunos dos antigos 1º e 2º graus e da educação especial, mas também possibilitando o acesso da comunidade local”. (MORAES, 1997 apud SGORLA; LINDINO, 2017, p. 78). Ao lançar mão desses recursos, o professor se apropria de reais condições para lidar com diversos públicos e torna o ensino mais acessível, como afirma Azzari (2015):

Por conseguinte, entendo que seja preciso mobilizar a docência para um ensino de inglês que se configure não só compatível com realidades globo-locais de professores e aprendizes, mas igualmente representativo em face às realidades atuais, sem, no entanto, que isto signifique que seja somente através das tecnologias digitais (e dos recursos e espaços que propiciam) que se possa pensar em rupturas nos processos educacionais. (AZZARI, 2015, p. 17).

Uma escola emancipadora e libertadora é aquela na qual, professores e alunos constroem conhecimentos em sintonia com o mundo e a comunidade, e os anseios pelos quais eles permeiam, principalmente pensando e agindo na busca incessante pelo ensino de real eficácia. Assim, é possível que todos nós, professores e alunos, possamos tirar proveitos dos avanços do mundo tecnológico no qual estamos inseridos. Azzari (2015) diz:

Se os tempos correntes são de mudanças e reconfigurações nas maneiras pelas quais as relações sociais e de comunicação são estabelecidas, é preciso manter a mente criticamente orientada a fim de que, indo em direção oposta ao que se almeja, a inserção dessas novas tecnologias nas rotinas escolares não represente apossar-se de

novas técnicas para a revalidação de antigas práticas validadas, em especial aquelas que reforçam desigualdades, acentuam desequilíbrios e servem à manutenção da exclusão. (AZZARI, 2015, p. 22).

Professores e alunos devem agir como colaboradores, utilizando recursos tecnológicos para trocas de informações, resultando em um processo de ensino-aprendizagem mais significativo em que ambos aprendem. O aluno poderá contribuir com a sua habilidade em lidar com a tecnologia e assim muitas vezes elucidar dúvidas que o professor possa ter em relação ao uso de determinadas ferramentas, e o professor com o seu conhecimento científico sobre a disciplina, bem como com a sua experiência em direcionar o aluno para o aprendizado que apontem para assuntos relevantes, atuará como mediador do aprendizado.

2.2.3.1 *As novas tecnologias no ensino da língua inglesa*

A tecnologia avança a cada dia e esses avanços priorizam além de um aumento considerável nos lucros de seus criadores, a facilidade de acesso às diversas informações tendo como facilitador o seu uso.

Martinez (2009) qualifica como método audiovisual aquele que não se limita ao uso de imagem e som para fins didáticos, e sim os une estreitamente, de modo que é em torno dessas associações que se constroem as atividades. São diversos os recursos tecnológicos que podem ser inseridos nas aulas de língua inglesa com a finalidade de uma prática de ensino mais envolvente. A exemplo disso, temos computadores, *notebooks*, *datashow*, celulares, *smart tvs* e outros. Esses recursos audiovisuais nos possibilitam lançar mão de tecnologias que estão a nossa disposição e que podem ser usadas para somar com outros métodos a fim de despertar o interesse e principalmente a atenção dos alunos.

De acordo com o que Martinez (2009) traz em seu livro “Didática de Línguas Estrangeiras”, os contextos dessa situação são motivadores que facilitam as diferentes operações propostas ao aprendiz. A aplicação dessa teoria pode ocorrer da seguinte forma: o professor pode encontrar, por exemplo, um seriado estadunidense no qual haja um tema de interesse dos alunos, e no qual também exista um conteúdo gramatical que possa ser explorado no final dessa apresentação. O ideal é que seja um vídeo não muito extenso e que os diálogos sejam curtos.

Segundo Martinez (2009), o desenvolvimento da aula pode ser analisado e suas fases justificadas em sua natureza e em sua organização. Observa-se a seguinte sequência: apresentação, explicação, repetição, memorização e correção, exploração e transposição. Na

explicação, o papel determinante é o do professor, pois ele desenvolve a atividade com o intuito de facilitar o acesso ao sentido e ao entendimento.

Além dessas atividades voltadas ao uso das tecnologias com o objetivo de facilitar o aprendizado do aluno, existem outras que estão disponíveis na grande rede mundial. A internet trouxe também uma mudança radical no comportamento das pessoas. Através do computador, foram oferecidos vários tipos de serviços, como as bibliotecas virtuais para consulta dos usuários, os bate-papos eletrônicos (*chats*), os diários virtuais (*web blogs*), os correios eletrônicos (*e-mails*), as redes sociais (*social networkings*), entre outros diversos benefícios do universo eletrônico. Essa nova realidade virtual, que vem se tornando gradativamente mais acessível aos indivíduos, também pode ser utilizada nas aulas, pois os alunos, principalmente os mais jovens, se identificam facilmente com as atividades que relacionem esses usos.

O conteúdo aprendido nas apresentações dos vídeos pode ser adaptado e filmado para que os alunos possam criar seus próprios diálogos e divulgar nessa grande rede. Essas filmagens podem ser produzidas, inclusive, com o uso de recursos tecnológicos dos próprios alunos, como os celulares avançados ou tablets, pois eles possuem alta qualidade de som e imagem. Desta forma, os professores e alunos estarão harmonizados com as competências gerais da educação básica definidas pela BNCC, que são:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017a, p. 09).

Os meios eletrônicos de informação, dentre eles a internet, são os principais instrumentos de acesso ao conhecimento em nossos dias. Com isso, é preciso que professores se mostrem cada vez mais conscientes da responsabilidade de oferecer ao aluno as habilidades que necessitarão para que sejam bem-sucedidos em suas carreiras. Dentre essas habilidades, destaca-se o domínio da tecnologia da informação, com a capacidade técnica de leitura e interpretação de dados. Isso porque, nos dias de hoje, a informação está relativamente acessível a uma boa parte da população, não apenas nas já conhecidas formas de publicação, como livros, revistas, jornais e periódicos, mas, principalmente, no meio virtual, na internet. No campo educacional, Oliveira Netto (2005) destaca os seguintes propósitos para o uso da internet:

- Troca de mensagens eletrônicas (*e-mails*) entre todas as partes do mundo;
- Compartilhamento de informações e busca de apoio à solução de problemas;
- Participação em discussões entre membros de comunidade virtual;
- Acesso a arquivos de dados, incluindo som, imagem e textos;
- Consulta a uma vasta biblioteca virtual de alcance mundial, permitindo o acesso a uma quantidade de informações sem precedente.

Alguns equipamentos tecnológicos que temos hoje não dispunham de diversos recursos que dispõem atualmente, a exemplo disso podemos citar os celulares, que não possuíam câmeras e, quando tinham, não eram boas em definição de som e imagem. As TVs se limitavam em conectividade e nem toda mídia poderia ser exibida nesse tipo de equipamento. Hoje, os celulares podem filmar em qualidade *full hd* (alta definição de áudio e vídeo) e podemos contar com sua conectividade e praticidade até mesmo para uma edição simples. Os recursos que temos hoje em uma *smart tv* possibilitam várias opções de conexão, sendo elas, com fio, sem fio ou através de dispositivos móveis como *flashdrives*, *hd* externos ou até mesmo *bluetooth*.

A maioria dos recursos audiovisuais era usada a partir de aparelhos para projeção de *slides*, geralmente acompanhados por um sistema de áudio que funcionava separadamente. Podemos hoje fazer conexão com um televisor através do sistema *blue tooth* de um celular, *tablet*, *notebooks* e até computadores *desktop*; e, isso tudo, com imagem e som em tempo real.

Podemos lançar mão dessas ferramentas e produzir muitas atividades. Uma opção divertida seria a produção de um filme com a participação de todos os alunos da turma em várias ocupações diferentes. Seria interessante que o roteiro e *script* fossem todo em inglês, pois assim os alunos teriam mais contato com palavras novas ligadas a essa nova situação. Na edição, as tarefas poderiam ser divididas e, dessa forma, muitos alunos teriam contato com os nomes das ferramentas e dos procedimentos existentes na ilha de edição dos programas de edição, que geralmente são em inglês.

Durante a produção dos textos, os alunos teriam a possibilidade de fazer pesquisas para adequar as falas ao inglês padrão e dessa forma ter maior contato tanto com a gramática quanto com novos vocábulos. Esses textos poderiam ser postados em um *blog* para que dessa forma muitas outras pessoas pudessem ter acesso a essa produção textual. O avanço tecnológico faz com que o trabalho do professor seja mais inovador, mas isso só pode acontecer se o professor usar a tecnologia para aprimorar os seus procedimentos e as suas

intenções, buscando mais conhecimento tanto das suas potencialidades quanto das dos alunos, e lembrando-se de ser um observador atento das individualidades do educando. Moran (2009) assevera:

Com a Internet estamos começando a ter que modificar a forma de ensinar e aprender tanto nos cursos presenciais como nos de educação continuada, a distância. Só vale a pena estarmos juntos fisicamente - num curso empresarial ou escolar - quando acontece algo significativo, quando aprendemos mais estando juntos do que pesquisando isoladamente nas nossas casas. Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, nos desmotivamos continuamente. Tanto professor como alunos tem a clara sensação de que em muitas aulas convencionais perdemos muito tempo. Podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado. Orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente, onde as tecnologias nos ajudarão muito, principalmente as telemáticas. (MORAN, 2009, p. 01-02).

Com as novas tecnologias interativas, o aluno deixa de ser um observador passivo. Não sendo mais passivo às informações, o aluno passa a ser um construtor ativo do conhecimento. Essa mudança depende de uma reordenação cognitiva, em uma forma de organização do pensamento que pressupõe um sujeito que compreende e que é capaz de processar, com relativa rapidez, uma quantidade muito grande de informações que nascem de inúmeros canais informativos.

2.2.3.2 O monitor educacional (ME) TV Pendrive

A Tecnologia Educativa estuda as estratégias de ensino de caráter multimídia e tem como objetivo capacitar o professor como um produtor de estratégias multimídia que facilitem o processo de intervenção dentro do ambiente escolar. (LOPES, 2007 *apud* PEIXOTO, 2013, p. 78).

Assim, diante das diversas possibilidades de estratégias, precisamos elencar aquelas que mais atraem e instigam os alunos. É necessário transformar o aluno em um cúmplice, para que o fazer pedagógico tenha um pouco do DNA desse aluno, e para que a sua interação não seja forçada e sim desejada. Essas estratégias certamente são aquelas que não o compelem a fugir do seu viver cotidiano, e sim, que trazem o seu cotidiano tecnológico a uma valorização contributória no processo de ensino e aprendizagem. Sancho (2006), continuando com essa mesma linha de pensamento, explica que:

o computador, os videogames, a televisão, o cinema atraindo [sic] significativamente a atenção de jovens, adolescentes e crianças e desenvolve uma grande habilidade para captar esses tipos de mensagens, e argumenta que estes cenários de socialização são completamente diferentes dos vivenciados pelos pais e professores. (SANCHO, 2006, *Apud* BRAGUETTO, 2013, p. 05-06).

Alguns incrementos tecnológicos, implantados nas redes públicas de comunicação, não lograram êxito por diversos fatores; porém, o principal empecilho parece ser a falta de preparo e desejo dos professores, que talvez, por não serem nativos digitais, oferecem resistência e estranhamento a determinados recursos que nada mais são do que ferramentas auxiliares importantes que não podem ser desprezadas. Contudo, não podemos categorizar e colocar toda culpa no professor. Diversos fatores podem ter contribuído para o fracasso de projetos surpreendentes e promissores. No entanto, é importante que os profissionais da educação se apropriem do conhecimento necessário para que assim possam estabelecer o uso mais intenso e apropriado dos recursos, e para que os mesmos não venham a se tornar obsoletos mesmo antes de ter tido seus recursos explorados em benefício do ensino e aprendizagem de qualidade.

O supracitado ocorre pelo fato de que outros recursos já foram disponibilizados e os educadores não se apropriaram das suas funções. Assim, esses equipamentos se tornaram obsoletos, e, mesmo após dez anos de implantação, percebe-se que seus recursos não foram explorados e utilizados em benefício do processo de ensino-aprendizagem, como no caso da *TV Pendrive*.

O Monitor Educacional (ME) foi implantado na educação pública baiana em 2018 e desde então tem sido conhecido como *TV Pendrive*, como descreve Peixoto (2013, p. 16): “esse projeto tem como objetivos estimular a produção audiovisual por parte da comunidade escolar e proporcionar um ambiente de socialização e amadurecimento das construções coletivas e compartilhadas”. O ME foi desenvolvido com nuances e particularidades que, se bem usadas, causariam efeitos de extrema relevância, mas que de acordo com as pesquisas desenvolvidas por Peixoto (2013), por falta de empenho dos professores; falta de treinamento em locais viáveis; falta de estrutura de algumas escolas; e por diversos outros fatores impeditivos, tornou-se um projeto falido.

Segundo Dias (2012, *apud* SGORLA; LINDINO 2017, p. 162), a respeito do recurso disponível na época “que mais se aproxima ao que as TIC podem oferecer é a *TV Pendrive*”, esse equipamento foi distribuído em 2007. Considerando o tempo decorrido até 2017, Sgorla e Lindino (2017) asseveram, “quase uma década se passou. Isso, em termos tecnológicos, pode ser considerado uma eternidade, devido à rapidez com que os avanços na área acontecem”. (SGORLA; LINDINO, 2017, p. 162). A evolução tecnológica tem alterado significativamente a vida das pessoas. Dessa forma, o jeito de se comunicar e de aprender se modificou muito. As formas impressas que antes eram as únicas encontradas para essas

atividades, hoje se expandiram por causa do avanço tecnológico. Dessa forma, podemos, em tempo real, trocar informações e modificar constatações antes sedimentadas. Kenski (2003) destaca que o comportamento das pessoas tem se transformado a cada dia por causa da evolução tecnológica, bem como a forma de comunicação e aquisição de conhecimento. Em relação à evolução tecnológica a autora postura o seguinte:

A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes épocas da história da humanidade são historicamente reconhecidas, pelo avanço tecnológico correspondente. As idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas “novas tecnologias” para o aproveitamento desses recursos da natureza de forma a garantir melhor qualidade de vida. O avanço científico da humanidade amplia o conhecimento sobre esses recursos e cria permanentemente “novas tecnologias”, cada vez mais sofisticadas. (KENSKI, 2003, p. 20-21).

Os professores precisam acompanhar os avanços dos recursos tecnológicos, principalmente daqueles que são disponibilizados para fins pedagógicos. Torna-se importante então que os professores participem dos treinamentos para capacitação ao uso dos equipamentos, para que assim se sintam mais seguros em relação à sua utilização e aplicação no processo de ensino. De acordo com Peixoto (2013, p. 98), em relação ao projeto ME, no “documento referente ao projeto, havia uma grande preocupação em proporcionar formação inicial e continuada aos professores, para que não se constituísse como uma ação apenas tecnicista, fragmentada e despolitizada”. Esse tipo de ação descaracteriza a função primordial dos recursos tecnológicos, pois alguns professores pensam que o fato de estar usando um Datashow para apresentar no formato digitalizado um material que era impresso, configura o uso de um recurso digital. Na verdade a função que reforça o uso da tecnologia é a interação e o dinamismo que ela possibilita. Se antes a preocupação era educar os alunos para usar a tecnologia, hoje fazer uso da tecnologia se tornou um meio de educar os alunos. A tecnologia é um recurso que favorece o aprendizado a alunos de locais mais distantes; alunos que se sentem dispersos ou que precisam desenvolver um diálogo com os seus colegas ou até produzir e ampliar o seu próprio conhecimento, pois com a tecnologia, o aluno pode avaliar a sua melhor maneira de aprender.

Sgorla e Lindino (2017) argumentam que “lançar mão de uma abordagem crítica da educação e revisitar os propósitos do ensino e da aprendizagem da língua inglesa na escola básica na atualidade são, portanto, premissas a serem incorporadas à formação inicial e continuada de professores.” (SGORLA; LINDINO, 2017, p. 22). Portanto, é extremamente importante que o professor se aproxime da tecnologia e perca a aversão que alguns têm por

ela. Esse tipo de comportamento se desenvolve pelo fato de que muitas vezes nós professores não nos esforçamos para acompanhar os avanços tecnológicos, porém os alunos apreciam estar atualizados em relação a esses avanços. Alguns professores, às vezes, se sentem constrangidos por não ter o mesmo domínio tecnológico que os seus alunos têm. Dessa forma, há professores que se distanciam da tecnologia temendo que ela o substitua, mas ao contrário, a tecnologia torna o educador mais poderoso, e por si só constitui-se apenas como ferramenta.

De acordo com Sgorla e Lindino (2017), o Sistema Nacional de Educação (SNE) ao entrar na pauta da Conferência Nacional de Educação (CONAE), realizada em Brasília de 28 de março a 1º de abril de 2010, fez menções, no “que se refere à capacitação do professor, defende a formação inicial e continuada dos docentes, levando em consideração as demandas educacionais e sociais impostas pelas mudanças epistemológicas correntes”. (SGORLA; LINDINO, 2017, p. 102). A transmissão dos conteúdos pode ser realizada pelos equipamentos, enquanto isso o professor tem mais tempo para planejar a sua aula; para ser um provocador e mediador da aprendizagem e, dessa forma, ele vai desenhar a aprendizagem de acordo com os interesses que ele conseguir, através da tecnologia, despertar nos alunos. Por isso, sugere-se que o professor participe de curso de formação inicial e continuada para se apropriar e aprimorar os seus conhecimentos tecnológicos a favor de um melhor desempenho profissional, como sugerem os PCNs de Língua Estrangeira de 1998, “os cursos de formação ou de formação continuada de professores de Língua Estrangeira têm sido cada vez mais entendidos como contextos para a reflexão por meio do envolvimento dos professores em práticas de investigação”. (BRASIL, 1998, p. 109)

As funcionalidades da *TV Pendrive* foram pouco exploradas, por falta de uma formação continuada dos professores, o que contribuiria para um importante processo produtivo entre eles e os alunos. Desse modo, essas TVs encontram-se inúteis, por não atenderem mais às necessidades, ou inutilizadas pelo tempo em desuso ou por depredação ocasionada por alunos decepcionados por não ter aproveitado os recursos do equipamento.

Peixoto (2013) desenvolveu um trabalho investigativo, com o objetivo de conhecer e descrever como o Monitor Educacional (ME) estava sendo utilizado nas aulas de inglês na rede estadual baiana. Nessa pesquisa, a autora buscou também entender de que forma o uso desse recurso refletia na prática docente. Desse modo, a autora diagnosticou essa realidade em várias escolas da Bahia da forma mais ampla possível. Vários questionamentos foram direcionados a professores de diferentes escolas, de diferentes regiões da Bahia. Assim, acreditamos que, realmente, foi possível entender um pouco mais sobre os entraves que se fizeram presentes no uso desse recurso tecnológico.

Peixoto (2013), na sua pesquisa de campo, direciona alguns questionamentos a diversos professores, para entender quais foram os fatores que impediram que eles utilizassem a *TV Pendrive* de forma mais ampla nas suas aulas. As repostas foram diversas e inusitadas. O que mais interessava para o trabalho de Peixoto (2013) era entender o quanto os professores sabiam sobre os objetivos do projeto (ME) e qual o nível de formação inicial e continuada ou treinamento que os professores participantes da pesquisa dela obtiveram. Para que esses fatos pudessem ser checados, alguns questionamentos foram feitos pela autora, e serão expostos a seguir (grifos da autora):

Diante das perguntas: **“O que você sabe sobre o projeto Monitor Educacional (TV Pendrive)?”** e **“Você tem conhecimento dos objetivos do projeto?”** realizadas por Peixoto (2013), selecionamos as seguintes respostas:

A *TV Pendrive* é um recurso tecnológico que tem por **objetivo** auxiliar o profissional da educação (professor) a **ministrar as suas aulas de uma forma mais interessante**, proporcionando uma maior dinâmica, uma proximidade com a realidade do estudante e tornando-a menos cansativa e mais estimulante para o aluno. (P22)

Não tenho conhecimento específico sobre o projeto Monitor Educacional. **Fiz um curso no NTE da Direc 02**, mas foi em caráter de treinamento para uso do monitor. Se, acaso, foi exposto o objetivo do projeto, eu não me recordo, ou não apreendi o conteúdo. Imagino que seja uma ferramenta para inovação na prática pedagógica e uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. (P65)

O meu conhecimento em torno da TV Pendrive é limitado apenas ao uso da mesma e de minhas inferências a respeito da utilidade de tal tecnologia. **O projeto em si, com objetivos definidos e regulamentados, ainda é desconhecido para mim.** (P62). (PEIXOTO, 2013, p. 101).

De acordo com as respostas apresentadas, apesar de ter havido outras mais positivas, entende-se que mesmo dispondo do recurso, muitos professores sabem pouco ou nada sobre o projeto Monitor Educacional; e, sobre os objetivos do projeto, o conhecimento é ainda menor. A realidade detectada nesses questionamentos, segundo a autora, é “lamentável” já que de acordo com o que ela postula: “conhecer os objetivos de um projeto é um dos pilares para o êxito de uma ação, principalmente por parte dos professores, por serem aqueles que realmente são os responsáveis pelo fazer acontecer em cada sala de aula.” (PEIXOTO, 2013, p. 101).

Outro questionamento, dentre diversos feitos pela autora, foi: **“Você e os seus colegas docentes receberam informações sobre o projeto e treinamento sobre como utilizar o equipamento?”** Selecionamos as seguintes respostas:

Os colegas que se interessaram fizeram cursos promovidos pelo IAT, outros nem sequer sabem ligar. (P23)

Não recebemos treinamento, mas logo começamos a usar porque os professores de nossa escola são entusiastas do uso de tecnologias na educação. (P2)

Não. Entretanto peguei o manual e fiz uma breve leitura. Pude perceber que é simples a utilização do aparelho, apesar de achá-lo arcaico. (P3) (PEIXOTO, 2013, p. 104).

O nível de interesse dos professores e seus colegas chamou a atenção da autora, o que, segundo ela, “pressupõe a existência de professores que não tiveram a iniciativa para buscar o conhecimento necessário para a utilização da nova ferramenta em suas aulas”. (PEIXOTO, 2013, p. 105). Entende-se que os investimentos em recursos tecnológicos não são suficientes se o usuário não estiver empenhado em adquirir habilidade em operar o sistema. Existe uma grande necessidade de que esse usuário, que é o professor, assuma a importância do seu papel de mediador do conhecimento, e por meio das plataformas e recursos tecnológicos disponíveis e disponibilizados, desenvolva atividades mais criativas e envolventes.

2.3 A ABORDAGEM COMUNICATIVA NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO

Há pelo menos três décadas, os recursos tecnológicos não eram tão eficientes quanto hoje. Muitos profissionais ligados à educação faziam uso dos recursos que estavam à disposição. A internet não tinha a mesma velocidade que tem hoje nas mais diversas cidades, pois só nos grandes centros era possível ter conexão veloz. Hoje podemos navegar em alta velocidade, o que facilita a nossa vida tanto para baixar vídeos ou assisti-los em tempo real como para ter acesso a uma gama de material autêntico.

Estamos no século XXI, uma época de mudanças (principalmente em função das tecnologias), e isso demanda uma nova forma de encarar o aprendizado de idiomas. De acordo com as competências específicas de Língua Inglesa presentes na BNCC, devemos “utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.” (BRASIL, 2017a, p. 246). Baseada em teorias humanistas e interativistas que surgiram no século XX e hoje são adotadas no século XXI, foi criada a abordagem comunicativa para o ensino de idiomas, com o fito de desenvolver competências comunicativas. Assim, o aluno não precisaria mais memorizar estruturas gramaticais descontextualizadas, exigidas em métodos tradicionais tais como o *Grammar Translation*, o *Direct Method* ou o *Audiolingual*. Na abordagem comunicativa, o

objetivo é a interação entre o aprendiz, seus colegas e o mundo real com o propósito de fazer o aluno desenvolver a competência comunicativa.

A diferença entre método e abordagem causa muitas divergências, mas vale enfatizar aqui que a abordagem é relacionada aos princípios pedagógicos nos quais vamos nos basear para dialogar sobre o aprendizado de um novo idioma. No caso da abordagem comunicativa, nos baseamos em atividades do mundo real (i.e., *situational dialogues, conversations, tasks*) com vistas a desenvolver as habilidades comunicativas, encorajando os alunos a se comunicar, efetivamente, na LE. A abordagem enfatiza o que é significativo para o aluno e como isso acontece no mundo real. Assim, as atividades estão mais relacionadas à realização de tarefas autênticas e significativas do que aquelas fictícias propostas pelos métodos tradicionais.

2.3.1 JUSTIFICANDO A ESCOLHA DA ABORDAGEM

A característica mais óbvia do *Communicative Language Teaching/Learning* (doravante CLT/L) é que todo trabalho é feito com uma intenção comunicativa (Larsen-Freeman, 2003). A abordagem comunicativa direciona o ensino para materiais autênticos; e, ao trabalhar com tecnologia, encontramos um campo vasto para trabalhar com tais materiais. O porquê da escolha da abordagem comunicativa como foco nesse trabalho se dá pelo fato de que essa abordagem é a que melhor se adequa à proposta de utilização de recursos tecnológicos no ensino de língua inglesa. A internet, como sabemos, tornou-se um dos principais meios tecnológicos e é através dela que temos um acesso mais instantâneo a uma quantidade enorme de materiais autênticos. E uma coisa interessante é que além da internet nos oferecer esse material de forma abundante, ao mesmo tempo ela nos possibilita o maior contato com a língua inglesa e solicita de nós esse conhecimento para melhor compreensão das plataformas, manuais e procedimentos de acesso.

Para Almeida Filho (1993, p. 36), o ensino comunicativo é aquele que “organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações autênticas na interação com outros falantes-usuários dessa língua”. Essas ações autênticas se manifestam de diversas formas; um bom exemplo é a questão de que a orientação de toda tecnologia que se tem hoje em dia precisa ser traduzida, pois diversas marcas de produtos, mesmo os que não são produzidos em países que falam a língua inglesa, produzem seus manuais em inglês tanto no manual físico como no digital; a ressalva é que no físico, propriamente dito, é possível que se

encontrem orientações de uso em mais de uma língua, mas sempre haverá a orientação na língua inglesa, por ser o inglês a língua franca do comércio e da comunicação.

Algumas marcas como a Samsung (*Samsung Electronics Corporation*) sul-coreana; a LG (*LG Electronics*), que apresenta o *slogan* “*Life’s Good*”; a Roland (*Roland Corporation*) fabricante japonês multinacional, dentre outros escrevem em inglês. Pensando no inglês como língua franca, na tecnologia encontramos acesso a materiais autênticos, objeto de trabalho/estudo da abordagem CLT/L.

Almeida Filho (1993, p. 60) faz importante reflexão a respeito dos textos e diálogos “relevantes para a prática da língua que o aluno reconhece como experiência válida de formação e crescimento intelectual”. Sobre esse viés, é possível dizer que o aluno é representante legal de um ambiente sociocultural específico, e assim deve ser considerado, pois como integrante e participante do espaço ao qual está inserido e com os atributos culturais que lhe permitem ser visto como um ser social, as propostas interacionais e comunicativas ofertadas a esse aluno devem promover tal relevância comunicativa.

Portanto, a interação na proposta comunicativa do ensino deve instigar o pensamento crítico do aluno, por meio de textos e atividades outras com abrangente teor de criticidade, suficientemente importantes e que, através dessa postura, o aluno se torne mais seletivo no sentido de elencar o que realmente se mostra significativo para o desenvolvimento do seu aprendizado protagonista ou autônomo.

Segundo Larsen-Freeman (2003), na década de 1970, os educadores começaram a se questionar em relação aos objetivos dos métodos anteriores, que se concentravam em fazer com que os alunos aprendessem a se comunicar na língua-alvo; assim, esses educadores se questionavam se estavam realmente cumprindo tal objetivo. Alguns educadores percebiam que os alunos usavam sentenças corretamente nos exercícios de sala de aula, mas não conseguiam usá-las adequadamente no cotidiano. Assim, alguns professores perceberam que o domínio das estruturas linguísticas não era suficiente para a comunicação eficaz no idioma, pois outras funções de contexto social precisam ser dominadas pelos alunos antes que se aventurem utilizar o novo idioma em situações reais e/ou genuínas. Assim, fez-se necessário uma abordagem que, além das questões estruturais, enfatizasse o aprender a se comunicar por meio da interação no idioma-alvo, que introduzisse textos e discursos autênticos para a situação de aprendizagem, que primasse pelo foco no sentido, que se fundamentasse no princípio pragmático-funcional e orientasse conteúdos relevantes. Essa abordagem ficou conhecida como comunicativa. A abordagem comunicativa, com a utilização da TIC, fornece uma nova roupagem ao processo de ensino-aprendizagem, pois, como argumenta Fava (2012,

p. 93), “a tecnologia de informação e comunicação não muda o que aprendemos, mas altera o modo como aprendemos”.

A abordagem comunicativa surgiu na segunda metade do século XX, em oposição ao estruturalismo. Nas abordagens estruturalistas predominava uma forma de ensino no qual os alunos obtinham muito conhecimento teórico a respeito da língua e suas estruturas linguísticas; porém, quando expostos a situações reais de comunicação, o conhecimento obtido não lhes permitia comunicar.

A abordagem comunicativa se caracteriza por ter o foco no sentido, no significado e na interação proposta entre os sujeitos que estão aprendendo uma nova língua. O ensino comunicativo é focado nas experiências de aprender, utilizando atividades de real necessidade do aluno para uso sociocultural, capacitando-o a usar a língua-alvo para realizar ações autênticas na interação. É possível ainda afirmar que na abordagem comunicativa não se busca o ensino baseado na gramática como meio suficiente para que se aprenda uma língua estrangeira; mesmo havendo momento nos quais as regras gramaticais podem ser consultadas e praticadas, o aprendiz deve visar ajustes e adequações do uso, como o dos pronomes, as terminações de verbos etc. (ALMEIDA FILHO, 1993).

Ao entender que a abordagem comunicativa não vê o ensino da gramática como meio suficiente para a comunicação, é função docente, ao adotar a abordagem comunicativa, reconhecer que o processo de ensino e aprendizagem ultrapassa o domínio de um sistema que comporta significados culturais. Assim, é possível afirmar que aprender uma nova língua é aprender a interpretar a realidade inserindo o aprendiz numa proposta de práticas que evidencie a cultura. Segundo Almeida Filho (1993):

Aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadoras para ações subseqüentes. (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 15)

Sobre o fato de chamarmos a língua que não falamos de língua estrangeira, o autor argumenta que a compreensão do termo só fica perfeita se a entendermos como língua que só a princípio é estranha, mas que deixa de ser estrangeira com decorrer do tempo que nos dedicamos a aprendê-la. O autor ainda argumenta que a nova língua para ser *desestrangeirizada* precisa ser aprendida para e na comunidade sem pensar apenas no “domínio’ de suas formas e do seu funcionamento enquanto sistema”. (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 12).

Quem também defende essa premissa e explica que é preciso refletir e problematizar questões sociais locais do aprendiz é Anjos (2019a), pois, segundo ele, dessa forma estaremos preparando caminho para *desestrangeirização* do idioma. Estando, portanto, o processo de aprendizagem atrelado aos interesses e significados do aprendiz, deverá surgir uma atmosfera propícia para que o aluno não perceba mais a língua estrangeira com estranhamento. Nesse sentido, Anjos (2019a, p. 66) argumenta: “o “eu” entrando em cena, para falar de questões que são parte do seu mundo, será inevitável um processo de apropriação”.

Assim, cabe ao professor promover situações para que o aluno possa interagir nessa nova língua a ponto de não mais vislumbrá-la como algo tão distante e desconhecido. A internet tem demonstrado força nesse processo, pois “consente ao educando usar a língua-alvo para interagir com as comunidades autênticas de usuários e também facilita a troca de experiências com gente do mundo todo”. (LEFFA, 2006, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 07). Essas situações podem ser inseridas aos poucos através de uma abordagem comunicativa, na qual o aluno, como participante ativo do processo, possa se estabelecer como protagonista do seu processo de aprendizagem.

Com a abordagem comunicativa, a aprendizagem voltou-se para o “aprender fazendo”, ou melhor, “comunicar comunicando”, no âmbito da prática da oralidade nas chamadas “situações comunicativas”. Os PCNs asseguram que em situações comunicativas, há (1) aumento do conhecimento da língua materna por meio de comparações com o idioma estrangeiro; (2) capacitação para o uso da LE mediante a construção consciente de significados; e, (3) promoção da aceitação das diferenças nos modos de expressão e de comportamento, conhecendo valores e desenvolvendo a percepção da própria cultura e de outras (BRASIL, 2000).

De acordo com o que as novas diretrizes curriculares sugerem, acreditamos na necessidade de promover na Educação Básica, situações comunicativas que tornem possível uma substancial e significativa evolução no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Ao objetivar a promoção dessas situações, nos parece oportuno citar a utilização das novas tecnologias de educação como aliadas indispensáveis nesse processo. O PCN de Língua Estrangeira (1998) faz a seguinte observação crítica quanto aos objetivos no contexto de educação global do aluno:

Quanto aos objetivos, a maioria das propostas priorizam [*sic*] o desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita, mas essa opção não parece decorrer de uma análise de necessidades dos alunos, nem de uma concepção explícita da natureza da linguagem e do processo de ensino e aprendizagem de línguas, tampouco de sua função social. Evidencia-se a falta de clareza nas contradições entre a opção

priorizada e os conteúdos e atividades sugeridos. Essas contradições aparecem também no que diz respeito à abordagem escolhida. A maioria das propostas situam-se [*sic*] na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizados. A concepção de avaliação, no entanto, contempla aspectos formativos que parecem adequados. (BRASIL, 1998, p. 24)

Entendemos como indispensável promover a conjunção da utilização das novas tecnologias de educação com a abordagem comunicativa, pois, peremptoriamente, os recursos tecnológicos são ferramentas motivadoras para o engajamento dos sujeitos nas atividades de LE. A motivação na aprendizagem de LE não é algo que se adquire e permanece estável, mas que emerge das ações que dão início ao movimento impetuoso executado por estudantes e professores em busca do aprendizado da língua estrangeira focado.

Na abordagem comunicativa, se tenta replicar a ideia do aprendizado sem uma clara intenção pedagógica, ou seja, a aprendizagem de forma natural e com ênfase nas habilidades de fala e de compreensão, o que é chamado de *listening*. Assim, se adquire o vocabulário e se adquire uma autonomia de comunicação, passando a falar efetivamente. Paulo Freire (2002) acreditava numa postura mais prática, mais ativa e mais consciente do seu papel dentro do projeto de ensinar e dentro do projeto de aprender. No livro “Pedagogia da Autonomia”, Freire (2002) traz diversas características importantes para que o professor desenvolva no seu aluno a autonomia. O conhecimento do sistema linguístico não é suficiente para a comunicação eficaz do idioma, assim outras funções de contexto social precisam ser dominadas pelos alunos. Desta forma, é possível dizer que a competência comunicativa torna-se mais importante que a competência linguística para que haja uma comunicação satisfatória (HYMES, 1971; WILKINS, 1976; WIDDOWSON, 1978).

A partir do momento em que o aluno já tem uma autonomia comunicativa, o tamanho dos textos e a complexidade das atividades de escrita passam a ser diferenciados para esse aluno que está inserido na abordagem comunicativa. Cabe ao professor facilitar a obtenção da autonomia do aluno como postula Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2002, p. 27).

2.3.2 A ABORDAGEM COMUNICATIVA E O CONCEITO DE AQUISIÇÃO VERSUS APRENDIZAGEM

A abordagem comunicativa trabalha com o conceito de aquisição de língua. A aquisição de uma língua estrangeira é diferente do processo de aprendizagem de língua estrangeira. Por esse motivo, se faz necessário distinguir aprendizagem de aquisição. O linguista norte-americano Stephen Krashen realizou pesquisas e estudos sobre o conceito de aquisição da segunda língua versus o conceito de aprendizagem da segunda língua. As pesquisas realizadas por Stephen Krashen influenciaram tanto, que, ainda hoje geram debates entre pesquisadores e estudiosos que apoiam ou criticam as suas ideias. O primeiro conceito é denominado em inglês de *Language Acquisition* (Aquisição da Linguagem), enquanto que para o segundo, usa-se o termo *Language Learning* (Aprendizagem de Língua). A distinção entre *acquisition* e *learning* é uma das hipóteses mais importantes estabelecidas pelo norte-americano Krashen (1981) em sua teoria sobre aprendizado de línguas estrangeiras.

De acordo com Krashen (1981), em metodologias inspiradas em *acquisition* (aquisição), ensino e aprendizado são vistos como atividades que ocorrem num plano pessoal-psicológico. Uma abordagem inspirada em *acquisition* (aquisição) valoriza o ato comunicativo e desenvolve a autoconfiança do aprendiz. Schütz (2018) concorda com a definição de Krashen, ao postular a aquisição da linguagem como um processo de assimilação natural, subconsciente, que se dá em situações reais de convívio com outras pessoas, em que o aprendiz é um sujeito ativo.

Segundo Krashen (1981), o conceito de *Language Learning* (aprendizado de línguas) está ligado à abordagem tradicional do ensino de línguas, assim como é ainda hoje geralmente praticada nas escolas de ensino médio. A atenção volta-se à língua na sua forma escrita e o objetivo é o entendimento pelo aluno da estrutura gramatical e das regras do idioma. A definição de Schütz (2018) em relação ao *Language Learning* (aprendizado de línguas), a aprendizagem da língua estrangeira tem relação com a abordagem de ensino tradicional aplicado nas escolas de ensino regular e em muitos cursos de línguas. Já Falasca (2012), mesmo reconhecendo que entre aquisição e aprendizagem existem diferenças, não acredita que entre os dois processos não haja possibilidades de cruzamentos, e considera que, “embora dentro de diferentes perspectivas, tanto a aquisição em ambiente naturalístico quanto a aprendizagem em ambiente formal podem levar, de certa forma, à aquisição (no sentido assumido por Krashen de ser um processo subconsciente)”. (FALASCA, 2012, p. 28). Independente de concordâncias ou divergência, o que importa neste estudo é que a abordagem comunicativa esteja respectivamente relacionada com aquisição de línguas.

2.3.3 O MATERIAL AUTÊNTICO COMO VIABILIZADOR DA ABORDAGEM COMUNICATIVA

Outra vantagem da abordagem comunicativa é a imersão que o aluno vai ter na língua alvo, pois ele terá o contato com a linguagem externa à sala de aula através de materiais autênticos como textos, jornais, *blogs*, vídeos etc. É necessário que façamos algumas considerações sobre o termo “material autêntico” para entendermos a importância da conexão entre recursos tecnológicos da educação, abordagem comunicativa, material autêntico e suas diversas mídias para a potencialização pedagógica no ensino da língua inglesa.

Um material autêntico para o ensino de idiomas não é o material produzido pelo nativo da língua. Na verdade, não tem relação íntima com quem faz o material, mas sim com quem o recebe. A principal questão é **para** quem esse material é feito e não **por** quem ele é feito. Como exemplo, é possível pensarmos da seguinte forma: sendo eu um brasileiro, a minha língua materna é o português do Brasil; desse modo, se eu escrever um artigo para uma revista, um *blog*, uma postagem em uma rede social, ou se gravo um *podcast* para outros brasileiros, posso então dizer que esse material é autêntico, pois faz parte de uma autêntica situação de comunicação, sem a preocupação de fazer algo pedagogicamente apropriado para o ensino da língua portuguesa.

Quando eu escrevo um texto, um diálogo ou gravo um *podcast* para alunos de língua portuguesa, mas que sejam estrangeiros aprendendo o português, esse material já não é mais um material autêntico, pois é um material feito com objetivo pedagógico. Quando pegamos uma música de qualquer cantor ou banda, sendo ela brasileira ou estrangeira, feita para o mercado fonográfico no intuito único de vender, obter lucro, fama e divulgação para fazer shows, aí sim, pode-se dizer que se trata de material autêntico, pois não foi feito para os alunos que estudam aquele idioma. Esse material, mesmo não tendo sido feito para destino pedagógico, pode ser usado na aquisição de idiomas.

Os jornais trazem materiais autênticos; as revistas também e, na internet, há bastante deles. Nos livros nós podemos encontrar materiais autênticos ou não, pois alguns deles já apresentam algum tipo de autenticidade de material; outros recorrem à adaptação para melhorar a autenticidade do material utilizado. Assim, o que era para ser um material autêntico, passa a ser um material adaptado. (RAJAGOPALAN, 2003, *apud* ANJOS, 2019b, p. 41) “lembra a respeito das muitas tentativas de melhorar a autenticidade do material didático, visando ao encurtamento da distância entre o objetivo desejado e o resultado de fato”. O livro didático não pode ser desprezado, pois ele traz conteúdos relevantes que podem ser acrescidos a outros materiais autênticos, mas é preciso que o professor tenha a clara

intenção de que o aluno tenha acesso a conteúdo de real relevância. Santos (2010), com a mesma ideologia, “defende a importância do livro didático no ensino, visto como fonte detentora do saber, do conhecimento acabado. O pesquisador defende que o professor pode realizar um trabalho mais significativo se souber como fazer o uso adequado dessa ferramenta tecnológica”. (SANTOS, 2010, *apud* PORTO, 2015, p. 06). Por mais que possa não parecer, o livro didático também é uma ferramenta tecnológica, já que a tecnologia é o desenvolvimento e o emprego mais eficiente de ferramentas criadas pelo homem para um determinado objetivo.

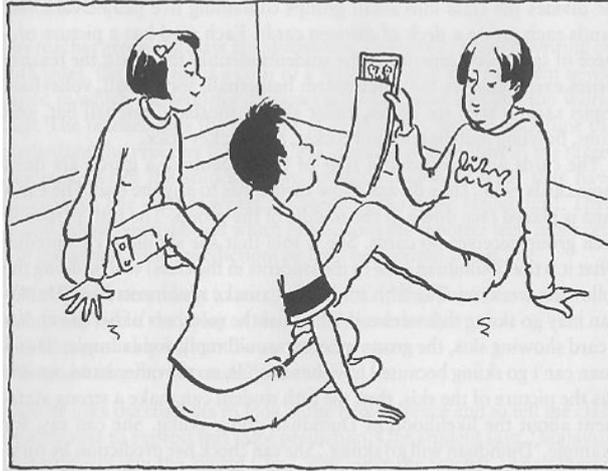
O material autêntico não é uma obrigatoriedade prescrita para uso exclusivo no ensino de idiomas, porém é muito importante para se trabalhar em consonância com outros materiais porque ele traz uma realidade do idioma que o material adaptado pode não trazer. Isso não quer dizer que o material adaptado seja completamente fora da realidade, mas depende de quem criou e como criou o material.

De acordo com Larsen-Freeman (2003), o “ensino da linguagem comunicativa visa aplicar amplamente a perspectiva teórica da abordagem comunicativa, tornando a competência comunicativa o objetivo do ensino da língua e reconhecendo a interdependência da linguagem e da comunicação”. Larsen-Freeman (2003, p. 121).⁵

Larsen-Freeman visitou uma classe de imigrantes adultos no Canadá, que viviam no país há dois anos e possuíam nível intermediário alto de proficiência em inglês. O principal intuito da pesquisadora foi observar o uso da abordagem comunicativa na sala, como aconteciam as experiências de ensino com a abordagem, como a abordagem era mediada pelo professor e como a aula se desenvolvia com aquele grupo de estudantes. As abordagens aconteceram no formato *Play Games* utilizando-se de *predictions, cards, picture strip story, role play* e outros materiais autênticos ou adaptados. Os alunos mostraram muita satisfação ao jogar e fizeram dessa atividade natural uma grande oportunidade para desenvolver o potencial de comunicação na língua-alvo. Esse tipo de atividade favorece a interação entre os alunos e o professor e, conseqüentemente, estimula a produção de situações reais de comunicação para resolução de diversas negociações de trocas. Essas atividades on-line e off-line, que se convencionou a chamar de ensino híbrido, têm favorecido potencialmente a interação e comunicação entre os alunos submetidos a uma abordagem comunicativa.

⁵ Tradução nossa. Communicative Language Teaching aims broadly to apply the theoretical perspective of the Communicative Approach by making communicative competence the goal of language teaching and by acknowledging the interdependence of language and communication. (Larsen-Freeman, 2003, p. 121).

Figura 3 - Alunos adultos sendo submetidos a uma atividade em grupo baseada na abordagem comunicativa.



Fonte: LARSEN-FREEMAN (2003, p. 124)

Larsen-Freeman (2003) fala a respeito das experiências e dos princípios adjacentes ao comportamento observado. Para ajudar a entender melhor o ensino comunicativo de línguas, ela propõe dez questões e encontra novas informações para esclarecer certos conceitos. Segue a lista dos questionamentos:

- 1- Quais são os objetivos dos professores que usam o ensino de idiomas comunicativo (CLT)?
- 2- Qual é o papel do professor? Qual é o papel dos alunos?
- 3- Quais são algumas características do processo de ensino / aprendizagem?
- 4- Qual é a natureza da interação aluno-professor? Qual é a natureza da interação aluno-aluno?
- 5- Como são tratados os sentimentos dos alunos?
- 6- Como o idioma é visto? Como a cultura é vista?
- 7- Que áreas da linguagem são enfatizadas? Quais habilidades linguísticas são enfatizadas?
- 8- Qual é o papel da língua nativa dos alunos?
- 9- Como é realizada a avaliação?
- 10- Como o professor responde aos erros do aluno?

Em síntese às respostas aos dez questionamentos supracitados, é possível dizer que o professor que recorre à abordagem comunicativa tem o objetivo principal de fazer com que os alunos se comuniquem. Para tanto, deve estabelecer situações que favoreçam essa

comunicação. O aluno para fazer-se entender e, ao entender os outros, se envolve na negociação dos significados.

O professor é o facilitador das atividades; dessa forma, ele se comunica e estimula a comunicação entre alunos e, assim, professor e alunos interagem entre si. A expressão da individualidade do aluno é favorecida pelo professor fazendo com que os alunos possam expressar suas ideias e opiniões. Como a linguagem é para a comunicação, os alunos precisam conhecer formas, significados e funções; porém, eles também devem usar esse conhecimento e levar em consideração a situação social a fim de transmitir adequadamente o significado pretendido.

As funções de linguagem podem ser enfatizadas, de forma que somente as formas mais simples seriam apresentadas a princípio e formas mais complexas são aprendidas. Eles aprendem sobre coesão e coerência. Assim como a comunicação oral é vista através da negociação entre o falante e o ouvinte. É possível dizer que o significado não está apenas no texto, mas na troca entre o leitor e o escritor. Os alunos aprendem também com esses intercâmbios de gerenciamento de sala de aula e percebem que a língua alvo é realmente um meio de comunicação e não apenas um objeto de estudo.

Um professor avalia não só os exercícios e compreensão do aluno, mas também sua fluência. Como orientador e facilitador, o professor pode avaliar os seus alunos sem que seja preciso se adequar aos métodos de avaliação tradicionais. Determinados equívocos, como os de forma, podem ser aceitos em atividades baseadas em fluência, pois esses equívocos representam o resultado natural no processo de aprendizagem na comunicação. Observados nas atividades baseadas na fluência, os equívocos podem ser observados e retomados em outro momento, como em atividades de precisão. Assim, concluímos aqui, uma síntese das respostas aos questionamentos propostos por Larsen-Freeman (2003).

Os alunos que não estão inseridos numa prática pedagógica comunicativa podem aprender perfeitamente as estruturas, mas essas estruturas não são suficientes para a efetiva comunicação. Para sanar essa lacuna, é necessário apropriar-se do que realmente faz parte do mundo comunicativo e que está presente fora das paredes da escola. Para suprir essa necessidade Larsen-Freeman (2003) sugere que:

Para superar o problema típico de que os alunos não podem transferir o que aprendem na sala de aula para o mundo exterior e expor os alunos à linguagem natural em várias situações, os adeptos da CLT advogam o uso de materiais de

linguagem autênticos para os falantes nativos da língua alvo. (LARSEN-FREEMAN, 2003, p. 132-133).⁶

A mídia facilita o aprendizado de idiomas e contribui para o processo de aprendizagem em praticamente qualquer estilo. A mídia ajuda os professores a levar o mundo real para a sala de aula e torna as tarefas mais significativas e, portanto, mais emocionantes. “Como uma ferramenta para o aprendizado/ensino de idiomas, a mídia, sem dúvida, sempre facilitou a tarefa de aprender idiomas para alunos instruídos e não instruídos”. (Brinton, 2001, p. 459).⁷

Existem muitas classificações de mídia. A mais geral, de acordo com a autora, classifica a mídia em mecânica (relacionada a inovações tecnológicas) e não mecânica (objetos da vida cotidiana; esses objetos devem ser adaptados pelo professor de acordo com o nível de proficiência e necessidades dos alunos). Outras classificações são:

- ✓ Técnico (mais caro);
- ✓ Não técnico (fácil de usar);
- ✓ *Software* (consumível);
- ✓ *Hardware* (equipamento);
- ✓ Autêntico / não autêntico;
- ✓ Multimídia.

Há uma grande quantidade de mídias disponíveis, e as condições para o uso das mesmas são ainda maiores se pensarmos no volume impressionante de tecnologia que nos cerca, e que está constantemente presente na vida tanto dos nativos digitais (os alunos), quanto dos imigrantes digitais (os professores), que, por muitas vezes se sentem menos à vontade em acessar tais tecnologias.

Ainda que haja alguma resistência dos professores em relação ao uso de mídias, sendo elas tecnológicas ou não, é perceptível que os “professores de idiomas parecem concordar que a mídia pode e aprimora o ensino de idiomas e, portanto, na prática diária do ensino de idiomas, encontramos toda a gama de mídias, tornando mais significativa e estimulante a

⁶ Tradução nossa. To overcome the typical problem that students cannot transfer what they learn in the classroom to the outside world and to expose students to natural language in a variety of situations, adherents of CLT advocate the use of language materials authentic to native speakers of the target Language. (LARSEN-FREEMAN, 2003, p. 132-133).

⁷ Tradução nossa. As a tool for language learning/teaching, media have undoubtedly always facilitated the task of language learning for both instructed and non-instructed learners. Brinton (2001, p. 459).

tarefa de aprender um idioma”. (BRINTON, 2001, p. 459-460).⁸ Oliveira (2014) corrobora quando diz que o professor precisa expandir os seus horizontes para que assim possa, de fato, contribuir para um fazer pedagógico mais elaborado no qual possa haver o “desenvolvimento de projetos que envolvam o uso das novas tecnologias, e desse modo fazer com que o educando se sinta incentivado a aprender a Língua Inglesa por meios midiáticos, algo de seu interesse”. (2014, p. 02). No sentido de fortalecer ainda mais a ideia de que o computador, como ferramenta tecnológica na qual há uma variedade de mídias, é um instrumento potente, mas que precisa da mediação do professor para um uso adequado a favor do aprendiz. Leffa (2006) complementa:

O computador tem provocado muitos debates e gerado inúmeros trabalhos na área do ensino de línguas, mas, apesar de sua complexidade, a idéia [*sic*] que prevalece na área é de que ele seja visto apenas como um instrumento. O computador não substitui nem o professor nem o livro. Tem características próprias, com grande potencialidade e muitas limitações, que o professor precisa conhecer e dominar para usá-lo de modo adequado, como um componente da complexa atividade de ensinar e aprender uma língua. (LEFFA, 2006, p. 13)

Para que essa experiência estimulante da aprendizagem significativa aconteça de fato, temos que levar em consideração a finalidade do uso da mídia, escolhendo-a pelos benefícios que possam vir a agregar, pois cada uma possui vantagens únicas para contextos específicos. Como postula Brinton (2001), a mídia deve ser vista como uma parte importante da lição, pois motiva os alunos por apresentar a linguagem em um contexto comunicativo e significativo e também por fornecer informações sobre riqueza cultural. Ela ajuda os alunos a processar informações e professores a evitar explicações excessivas e fornecer um contexto real no qual a tarefa será desenvolvida. “Ao trazer a mídia para a sala de aula, os professores podem expor seus alunos a várias fontes de entrada. Assim, embora diminua o risco do dialeto ou do idioleto do aluno, eles também podem enriquecer suas experiências de aprendizado de idiomas.” (BRINTON, 2001, p. 461).⁹

Precisamos usar a mídia para variar e tornar as classes menos monótonas, pois ela nos ajuda a reforçar os pontos que queremos enfatizar e fornecer um contexto real para trabalhar. A mídia oferece mais oportunidades para envolvermos os alunos de maneira integral no processo de aprendizagem e facilita o aprendizado do idioma, tornando-o mais autêntico.

⁸ Tradução nossa. Language teachers seem to agree that media can and do enhance language teaching, and thus in the daily practice of language teaching, we find the entire range of media, making the task of language learning a more meaningful and exciting one. (p. 459-460).

⁹ Tradução nossa. By bringing media into the classroom, teachers can expose their students to multiple input sources. Thus, while decreasing the risk of the student’s dialect or idiolect, they can also enrich their language learning experiences. (Brinton, 2001, p. 461).

Como já mencionamos, alguns editores incorporam materiais autênticos de jornais, revistas e outras fontes de mídia em seus livros, outros adaptam esses materiais.

A internet se tornou muito importante, pois com apenas alguns cliques, os professores podem desafiar seus alunos com as últimas notícias ou videoclipes de um grande número de fontes. Oliveira (2014) concorda com essa afirmação ao dizer que “a Internet está sendo o maior avanço tecnológico na comunicação humana, sendo um território livre no qual o professor pode aprimorar suas aulas fazendo uso desse enorme banco de dados e fazendo uso de ambiente [*sic*] de aprendizagem disponibilizados”. (OLIVEIRA, 2014, p. 04).

A potencialidade fornecida pela internet proporciona uma variedade ainda maior de mídias interessantes para que possamos produzir uma aula mais comunicativa. O uso da mídia é necessário e muito importante para as questões da língua e da cultura porque o uso de reportagens, filmes, documentários na TV ou programas de entrevistas no rádio pode proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda das perspectivas e estilos de vida dos falantes da língua estrangeira. O uso da mídia é determinado pela criatividade e sensibilidade do professor. Diferentes tipos de mídias podem ser utilizados, mas em algumas situações devem ser adaptadas, o mais importante é que não haja desculpas para evitar o seu uso. Assim, podemos levar em conta, segundo Brinton (2001), o uso da “mídia para envolver os alunos de maneira mais integral no processo de aprendizagem e para facilitar o aprendizado de idiomas, tornando-o um processo mais autêntico e significativo”. (2001, p. 473).¹⁰

A utilização da mídia, seja como material autêntico ou adaptado se preciso for, é uma maneira de moldar a aparência da lição para uma mais atraente para os alunos, tornando-a menos abstrata e mais cotidiana. A mídia nos ajuda a integrar as habilidades dentro de um contexto real de uso, conectando o currículo ao mundo real; e isso, além de ser percebido, será bem recebido pelos alunos.

A dificuldade de interagir em outros formatos que não seja apenas a transmissão de conteúdos e passar a usar outros espaços de aprendizagem pode ser superada. Na verdade essas situações se mostram mais descontraídas e repletas de possibilidades de aprendizagem do que propriamente aquela mais formal. É possível afirmar que aos poucos os professores estão experimentando situações como essa e se descobrindo. Assim é possível utilizar novas

¹⁰ Tradução nossa. Use media to involve students more integrally in the learning process and to facilitate language learning by making it a more authentic, meaningful process. Brinton (2001, p. 473).

tecnologias, até mesmo as que nos foge ao controle, pois o controle não é tão obrigatório, já que a intensão também é aprender juntos e compartilhar os desafios.

Concluindo esse tópico, torna-se interessante salientar que antes de tudo, o professor ao utilizar a tecnologia deve procurar se sentir a vontade, pois assim, ele vai interagir e dar sentido ao uso da tecnologia e é dele que a educação depende para dar esse sentido, pois a tecnologia por si só não faz nada, a tecnologia depende do professor de bem com a vida e disponível para estar ali com os alunos e com eles produzir conhecimento a ponto de que a comunicação seja favorecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 já alertavam para a importância da LE para a educação e a informação. Constatamos, por conseguinte, que nesta era de revolução tecnológica, na qual estamos imersos, o mundo torna-se cada vez mais dinâmico, pois estamos em constante aprendizado e sujeitos a transformações. Nesse contexto, devemos refletir, enquanto professores e educadores, perante as exigências do mundo moderno. No presente estudo, enfatizamos a importância do professor refletir sobre suas práticas pedagógicas para melhor integrar a tecnologia a seu favor e a favor de uma educação emancipadora e de qualidade nesse contexto. Essa integração deve visar à interação entre o humano e o tecnológico, e ainda, entre o individual e o social. Se nos apropriarmos de tais práticas, poderemos obter sucesso em nosso fazer pedagógico e o tão almejado avanço no processo educativo deverá acontecer.

Compreendemos, portanto, que é muito importante observar o que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) postulam, pois além de conter normas obrigatórias para a Educação Básica, orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino; desse modo, asseguram a formação básica, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), definindo competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Com a rápida disseminação das tecnologias digitais nos últimos tempos, parece impossível imaginar que as pessoas vivam longe de seus dispositivos móveis, alheios aos seus aplicativos, redes sociais e *sites* favoritos. De fato, a comunicação tomou novos rumos diante das interações mediadas por computador e, agora, também pelos aparelhos móveis. Com isso, ensinar tornou-se um desafio ainda maior. Aprender um idioma é deparar-se com uma nova ideologia; dessa forma, a aquisição e aprendizagem de uma LE implicam em mudanças na subjetividade do aluno. Considerando-o um sujeito inacabado, é preciso pensar na sua identidade e na sua relação com a subjetividade nesse processo.

Nesse trabalho, constatou-se que na era dos avanços tecnológicos e no contexto da globalização, nos quais estamos inseridos, é extremamente importante conhecer a língua inglesa, por ser a língua franca do comércio, da diplomacia, da internet e da ciência. Ainda pelo fato de que os alunos são “nativos digitais” Prensky (2001) e, portanto, estão muito familiarizados com a tecnologia, torna-se importante que esses recursos estejam presentes em sala de aula como auxiliar pedagógico. Diversas escolas públicas têm desenvolvido atividades alheias à realidade do aluno. Tem havido uma necessidade de aulas com conteúdos autênticos

e significativos que podem ser facilitados com o uso de recursos tecnológicos para os diversos grupos, filiação cultural e identidade. Por esses motivos defendemos o uso das tecnologias nas aulas de língua inglesa nas escolas públicas.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral apresentar uma reflexão sobre o uso dos novos recursos tecnológicos que podem ser ferramentas criativas nas aulas de língua inglesa. Os pressupostos revisados nessa pesquisa apontam diversos teóricos e pesquisadores que concordam que, o uso dos recursos tecnológicos auxilia e promove ganhos importantes nas aulas de língua inglesa, e esses pesquisadores confirmam isso com base nos resultados de suas pesquisas empíricas e bibliográficas.

Com a utilização das novas tecnologias na escola é possível uma grande mudança, pois com o bom aproveitamento desses recursos podem ser desenvolvidas diversas atividades de real interesse e função comunicativa na língua inglesa. Dentre as diversas atividades apontadas nessa pesquisa, nas quais a presença da utilização dos recursos tecnológicos se mostra relevante, torna-se importante citar algumas que acontecem por meio do suporte das ferramentas de navegação e busca na internet, que são aquelas que se desenvolvem por meio de elaboração, publicação e comentário interativo em *blogs*, *podcasts*, *social bookmarks* e seus *blog tours*, *wikis*, *youtube* e *e-mails*, dentre outras. Isso ratifica a intenção de colocar em prática uma intervenção pedagógica que promova situações comunicativas e colaborativas nas práticas educativas de qualidade.

Contudo, entendemos que é imprescindível que uso da tecnologia não se resuma simplesmente ao uso de ferramentas em um formato puramente tecnicista, mas que se estabeleça como um auxiliar na prática docente com adequação do seu uso no sentido de estimular os envolvidos em uma prática inclusiva, estimulante, comunicativa, crítica e emancipadora.

Através desta pesquisa constatou-se que algumas ferramentas tecnológicas que já foram implantadas nas escolas públicas não tiveram o êxito esperado por fatores múltiplos, como por exemplo, a falta de estrutura física da escola; a insuficiência da conectividade; a resistência e estranhamento dos professores; carência de treinamento pela ausência dos professores nos cursos de formação continuada oferecidos pelas secretarias de educação, dentre outros. Nesse sentido, é importante que os profissionais da educação se apropriem do conhecimento necessário para que assim possam estabelecer o uso mais intenso e eficaz dos recursos para que eles não venham a se tornar obsoletos mesmo antes de ter seus recursos explorados em benefício de um ensino e aprendizagem de qualidade.

Diante de fatos expostos nesta pesquisa, verificou-se que o aluno no mundo tecnológico atual não se sente mais atraído por aulas com formatos tradicionais, pois eles têm um contato diário com a tecnologia, e a escola deve aproveitar esse caráter “nativo-digital” do aluno para direcioná-lo a um aprendizado que desperte maior interesse, e que aconteça com o uso ferramentas que façam parte do seu cotidiano. Almeida Filho (1993) ressalta a importância da escolha de textos, diálogo e exercícios que sejam “relevantes para a prática da língua que o aluno reconhece como experiência válida de formação e crescimento intelectual”.

Buscando compreender o auxílio viabilizado pelas novas tecnologias de informação e comunicação no ensino-aprendizagem da língua inglesa, entendemos que o uso dos recursos tecnológicos na elaboração de aulas mais dinâmicas possibilita uma troca mais eficiente de informações entre professores e alunos seja diante de obstáculos ou não, pois mesmo existindo barreiras “as novas tecnologias podem auxiliar na quebra dessas barreiras, capacitando às pessoas envolvidas no processo e proporcionando-lhes o uso real da LE dentro do nosso contexto”. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2004, p. 288). De acordo com os PCNs de língua estrangeira, é inegável o aumento das possibilidades de uso da internet, assim como do número de *softwares* educacionais que têm sido criados e disponibilizados em benefício da educação. O PCN de 1998 afirma que de acordo com a visão de linguagem e aprendizagem apresentada em seus parâmetros, “*Softwares* adequados, no entanto, podem se constituir em apoio eficaz no ensino e aprendizagem”. (BRASIL, 1998, p. 87). A BNCC corrobora esse pensamento, ao discutir sobre o mundo digital que envolve os aprendizes em suas diversas formas de captação e difusão do conhecimento “em diferentes artefatos digitais – tanto físicos (computadores, celulares, *tablets* etc.) como virtuais (internet, redes sociais e nuvens de dados, entre outros) –, compreendendo a importância contemporânea de codificar, armazenar e proteger a informação”. (BRASIL, 2017a, p. 474). Assim, é importante o auxílio das mídias através das quais tais *softwares* encontram meios viáveis para sua utilização.

Dentre inúmeros ganhos proporcionados pelo uso das tecnologias em sala de aula para o ensino da língua inglesa, pudemos identificar, através de uma revisão de literaturas, que o uso das novas tecnologias favorece o protagonismo do aluno, pois com recursos tecnológicos, eles desenvolvem autonomia nos mais diversos ambientes, como argumenta Bragetto (2013): “é visível que nossos estudantes (crianças, adolescentes e jovens) vivem a cultura da tecnologia”. (2013, p. 03). A internet, dessa forma, oferece autonomia ao processo de aprendizagem, tornando-o mais *student-centered*.

O uso da tecnologia é o que mais abraça as possibilidades de uso da abordagem comunicativa no que diz respeito à imersão do aluno na língua alvo, pois ele vai ter o contato

com o idioma também em ambientes informais, externos à sala de aula através de materiais autênticos como textos, jornais, *blogs*, vídeos, músicas, mídias diversas e plataformas de comunicação instantânea. Parafraseando Brinton (2001), a mídia deve ser vista como uma parte importante da lição, pois motiva os alunos, por apresentar a linguagem em um contexto comunicativo e significativo e também por fornecer informações sobre riqueza cultural. Assim, é importante que o aluno aprenda com o uso das tecnologias o que ele realmente poderá usar dentro e fora do ambiente escolar.

É importante salientar que o uso das novas tecnologias de educação favorece potencialmente um maior contato com o idioma, e isso nos dá outra opção para contato com o idioma sem a obrigatoriedade de se viver definitiva ou temporariamente em um país de língua inglesa. Dessa forma, através das diversas mídias disponibilizadas por diferentes meios tecnológicos, e com a adoção de uma abordagem comunicativa que encontra possibilidades nas novas tecnologias e apoia o seu uso, o professor desenvolve aulas mais eficazes e fornece ao aluno possibilidades de maior contato com a cultura e a língua inglesa.

Esta pesquisa revisou as principais teorias que fundamentam a utilização dos recursos tecnológicos, buscando entender a sua necessária conexão com a abordagem comunicativa. A abordagem comunicativa é a que mais se aproxima da comunicação real na língua-alvo, visto que promove a autonomia do aprendiz e o seu pensamento crítico com foco no sentido, no significado e na interação, viabilizados pelos materiais autênticos e que promovem uma educação de qualidade.

A tecnologia tornou-se um dos componentes para a educação de qualidade, porém a educação de qualidade tem um espectro muito maior do que somente o uso das tecnologias. Assim é preciso dizer que as tecnologias são importantes como apoio, uma educação de qualidade pode até ser feita sem a tecnologia, mas no mundo atual e conectado ficaria muito estranho trabalhar tantos conteúdos sem a mediação que usamos no cotidiano.

O uso dos recursos tecnológicos é importante para tirar o aluno de dentro da sala de aula e conectá-lo com o mundo; para o professor trazer o que há de mais significativo para a escola; para que se possa aprender em qualquer tempo e em qualquer lugar e assim repensar a escola como algo muito mais vivo, dinâmico e reflexivo. Nesse sentido, a tecnologia é uma grande facilitadora de processos de interconexão com todas as realidades que são importantes para aprender.

O professor precisa estar apto a fazer com que todas essas novas tecnologias gerem um pensamento crítico nos alunos. Dessa forma, apenas teclar no computador ou assistir a um filme não chega a ser suficiente, é preciso que com isso seja gerado um senso crítico para que

seja analisado e refletido aquilo que está sendo observado. É preciso então entender que a compreensão do uso das novas tecnologias em sala de aula é um passo importantíssimo.

É óbvio que para o aprofundamento de uma pesquisa desse porte, uma pesquisa de campo elucida muitos questionamentos. Para esse trabalho foram analisadas pesquisas que defendem a relevância dos meios tecnológicos na educação, tais como Lévy (1993), Azzari (2015), Falasca (2012), Fettermann (2017), Oliveira (2014), Braguetto (2013), Almeida (2017), Peixoto (2013), entre outros estudiosos dessa temática. Esses pesquisadores fizeram pesquisa de campo e comprovaram que a tecnologia é um recurso do qual não se pode abrir mão e que está intrinsecamente imbricada com os novos meios de aprendizagem. Pois o uso de recursos diversos tem aproximado o professor de um mundo midiático que propicia mais dinâmica na sala de aula.

Dessa forma, ou a escola se aproxima e se apropria do uso das novas tecnologias ou não consegue encontrar eco no diálogo com os estudantes, e assim seria totalmente divergente manter uma escola com características do século XX recebendo alunos do século XXI. O entendimento e a apropriação que a escola pode e deve fazer dessas tecnologias, é uma ferramenta muito importante para os processos pedagógicos.

Por fim, é importante esclarecer que esse trabalho representa um passo importante para uma pesquisa futura mais aprofundada em um estudo de mestrado ou pós-graduação, pois o que se pretende aqui é dar continuidade. A intensão para a próxima pesquisa é buscar esclarecer mais profundamente os aspectos inerentes à aprendizagem, afim entender como a inserção tecnológica é recebida pelos discentes em uma pesquisa de campo especificamente direcionada. Para tal aprofundamento, pretende-se realizar uma pesquisa de campo na qual sejam coletados dados que possam servir de objeto de estudos sobre as dificuldades e as potencialidades que os professores, alunos e gestores encontram no ambiente de ensino. Assim, se faz interessante que questionamentos sejam feitos em diferentes escolas do estado, para que se averiguem as particularidades e dificuldades de regiões diferentes, levando em conta os diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. S. I Encontro Internacional de Culturas, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo. **Processo de ensino aprendizagem no programa ensino médio com intermediação tecnológica (EMITEC) na cidade de Boquira:** potencialidades e fragilidades. Santo Amaro-Ba: CECULT/UFRB, 2017. (p. 01-15).

ALMEIDA FILHO, J. C. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1993.

ANJOS, F. A. dos. **Desestrangeirizar a língua inglesa:** um esboço da política linguística. Cruz das Almas-BA: Ed. UFRB, 2019a. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/editora/titulos-publicados?cont=lists&ccname=livro>>. Acesso em: 15 de nov. 2019.

_____, F. A. dos. **Ideologia e omissão nos livros didáticos de língua inglesa.** Cruz das Almas, Bahia: Ed. UFRB, 2019b. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/prefix/977/1/Ideologia%20e%20omissao%20nos%20livros%20didaticos%20de%20lingua%20inglesa.pdf>>. Acesso em: 16 de nov. 2019.

AZZARI, E. F. **Formação Docente, Tecnologias Digitais e Educação Crítica:** Ensino de Inglês, Tecnologias Digitais e Rupturas. Revista X, vol. 2, 2015. p. 09-24.

BRAGUETTO, M. **Refletindo sobre o uso Moodle nas aulas de Língua Inglesa de escola pública:** Uma proposta de intervenção e superação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_lem_artigo_maria_da_penha_bragantine_braguetto.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Versão homologada. Brasília, EC/CONSED/UNDIME, 2017a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____, **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017b.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>>. Acesso em: 13 set. 2019.

_____. **Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997.** Dispõe sobre a organização dos serviços de telecomunicações, a criação e funcionamento de um órgão regulador e outros aspectos 188

institucionais, nos termos da Emenda Constitucional nº 8, de 1995. Diário Oficial da União. Brasília, 17 jul. 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/Secretaria do Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 120p.

BRINTON, D. M. The Use of Media in Language Teaching. IN: CELCE-MURCIA, M. **Teaching English as a Second or Foreign Language.** Third Edition. London, Heinle Heinle – Thomson Learning, 2001.

CRAVEIRO, C. B. A.; MEDEIROS, S. (Org.). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão.** Brasília: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p.

FALASCA, P. **Aquisição/aprendizagem de LE: subjetividade e deslocamentos identitários.** Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. São Paulo. 2012. (p. 26-36).

FARIAS, K. C.; PINHEIRO, F.; CARVALHO, V.F. P. **As TICs na educação a distância: as ferramentas fórum e diário na plataforma moodle como espaço de mediação entre discente e docente no grupo de trabalho em rede.** Disponível em: <<http://www.isapg.com.br/2013/ciepg/down.php?id=167&q=1>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

FAVA, R. **Educação 30: como ensinar estudantes com culturas tão diferentes.** 2 ed.

Cuiabá: Carlini e Caniato. Editorial, 2012. Disponível em: <<https://carliniecaniatoeditorial.files.wordpress.com/2012/09/educacao-3-0-segunda-edicao-rui-fava.pdf>>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

FETTERMANN, J. V. **Inovação e tecnologias para a aprendizagem de inglês no Ensino Médio.** Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, [S.l.], v. 6, n. 1, jun. 2017. ISSN 2317-0239. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/12141/10342>. Acesso em: 07 set. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 92p. Disponível em:
<http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338>.
Acesso em: 01 de outubro de 2019.

GOMES, L. I. A. **Mídias sociais on-line como recurso pedagógico: a formação dos professores e o uso de plataformas midiáticas no trabalho docente**. 2017. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidad Americana, Assunção, Py, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. Disponível em:
<https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf>. Acesso em 16 de nov. 2019.

HYMES, D. 'Competence and performance in linguistic theory' in R. Huxley and E. Ingram (eds.). **Language Acquisition: Models and Methods**. London: Academic Press, 1971.

KENSKI, V. M. **Tecnologia e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. Disponível em:
<<http://elivros.love/book/baixar-livro-tecnologias-e-ensino-presencial-e-a-distancia-vania-moreira-kenski-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

KRASHEN, S. D. **Second language acquisition and second language learning**. *Oxford: Pergamon Press, 1981*. Disponível em:
<http://www.sdkrashen.com/content/books/sl_acquisition_and_learning.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

KROENKE, D. **Management information systems**. São Paulo: McGraw-Hill, 1992.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Second Edition. Oxford; Oxford University Press, 2003.

LAUDON, K. C.; LAUDON, J. P. **Management information systems: a contemporary perspective**. New York: MacMillan, 1996.

LEFFA, V. J. **A aprendizagem de línguas mediada por computador**. In: Wilson J. Leffa, (org.). *Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006, p. 11, 36. Disponível em:
<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/B_Leffa_CALL_HP.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência**. 1993. Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/As-Tecnologias-da-Inteligencia/pdf/view>>. Acesso em 22 de outubro de 2013.

MARTINEZ, P. **Didática de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MATTAR, João. **Youtube na educação: o uso de vídeos em EaD**. São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://www.joaomattar.com/YouTube%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20o%20uso%20de%20v%C3%ADdeos%20em%20EaD.pdf>>. Acesso em: 16 de nov. 2019

MICROSOFT. **[Criar e editar Wiki]** Disponível em:

<<https://support.office.com/pt-br/article/criar-e-editar-um-wiki-dc64f9c2-d1a2-44b5-ac59-b9d535551a32>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.

MOITA LOPES, L. P. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

MORAN, J. M. **Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologias**. São Paulo, 2009.

Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/uber.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, J. K. F. **Informática Aplicada à Educação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

OLIVEIRA, M. A. Os desafios da escola paranaense na perspectiva do professor. **Novas Tecnologias e Suas Inovações nas Aulas de Inglês: Foco na Leitura e Compreensão Escrita**. Estudo de Caso-escola paranaense, 2014. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_lem_artigo_maria_aparecida_bezerra_de_oliveira.pdf>

Acesso em: 05 de novembro de 2019.

OLIVEIRA NETTO, A. A. de. **Novas Tecnologias e Universidade: da didática tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAIVA, V. M. O. e. **Ensino de língua inglesa no ensino médio: teoria e prática**. São Paulo: Edições SM, 2012.

PEIXOTO, R. P. **Monitor educacional (TV Pendrive): a tecnologia nas aulas de língua inglesa da escola pública** / Roberta Pereira Peixoto. Dissertação (mestrado) - 2013. 210 f.: il. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15536/1/Roberta%20Pereira%20Peixoto.pdf>>. Acesso em: 10 setembro de 2019.

PORTO, T. **A tecnologia como recurso didático no ensino de língua**. Revista desenredos: Piauí, 2015. Disponível em:
<<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/24-Artigo-Teresa-Tecnologias.pdf>>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. Horizon, Princeton, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível em: <www.marcprensky.com/writing/Prensky-DigitalNatives,DigitalImmigrants-Part1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2011.

PRETTO, A. **A escola sem/com futuro**. São Paulo: Papirus Editora, 1996.

PRETTO, N. L. **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder** / Nelson De Luca Pretto, Sérgio Amadeu da Silveira: organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/211/4/Alem%20das%20redes%20de%20colaboracao.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. 2019

PROINFO. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/proinfo>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

_____. Disponível em:
<<https://www.fnede.gov.br/index.php/programas/proinfo/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-proinfo>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: Linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SANCHO, J. M.. De tecnologia da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, J.; HERNÁNDEZ, F. (Org.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, M. P. **Livro didático escolar: um artefato multicultural**. 2010. Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná.

SCHÜTZ, R. "**Assimilação Natural x Ensino Formal**." English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

SGORLA, K.; LINDINO, T. C. **O ensino público de língua inglesa e suas práticas pedagógicas na era digital**. - Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2017. - 112 p. il.

SIQUEIRA, S.; CAMARGO, A. "Estimulando a democratização e desmistificação de novas tecnologias no ensino de língua Inglesa". In: SCHEYERL, D.; MOTA, K. (Org.). **Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras**. EDUFBA: Salvador, 2004, (p. 266 - 291).

TOPLAB. [**Tecnologia da Informação e educação**]. Disponível em: <<https://totlab.com.br/noticias/o-que-e-tic-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao>> . Acesso em: 20 de setembro de 2019.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zapiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WIDDOWSON, H. G. **Teaching Language as Communication**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

WILKINS, D. A. **Notional Syllabuses**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

XAVIER, A. C. S. **Letramento digital e ensino**. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>> Acesso em: 17 de outubro de 2019.

YOUTUBE. [**Postagem e compartilhamento de vídeo**]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SPWaueBg2Us>>. Acesso em: 18 de nov. 2019a.

YOUTUBE. [**Youtube edu**]. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019b.

